MUNDO DO TRABALHO

ARTE

INGLÊS

LÍNGUA PORTUGUESA

CADERNO DO ESTUDANTE

7º ANO

ENSINO FUNDAMENTAL

Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Mundo do Trabalho: Arte, Inglês e Língua Portuguesa: 7º ano do Ensino Fundamental. São Paulo: Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia (SDECT), 2012.
il. (EJA – Mundo do Trabalho)

Conteúdo: Caderno do Estudante.
ISBN: 978-85-65278-15-7 (Impresso)
978-85-65278-23-2 (Digital)

1. Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Ensino Fundamental 2. Artes – Estudo e ensino 3. Língua Inglesa – Estudo e ensino 4. Língua Portuguesa – Estudo e ensino I. Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia II. Título III. Série.

CDD: 372

FICHA CATALOGRÁFICA

Sandra Aparecida Miquelin – CRB-8 / 6090
Tatiane Silva Massucato Arias – CRB-8 / 7262

Concepção do programa e elaboração de conteúdos

Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia

Coordenação Geral do Projeto
Juan Carlos Dans Sanchez

Equipe Técnica
Cibele Rodrigues Silva e João Mota Jr.

Fundação do Desenvolvimento Administrativo – Fundap

Geraldo Biasoto Jr.
Diretor Executivo

Lais Cristina da Costa Manso Nabuco de Araújo
Superintendente de Relações Institucionais e Projetos Especiais

Coordenação Executiva do Projeto
José Lucas Cordeiro

Coordenação Técnica
Impressos: Selma Venco
Vídeos: Cristiane Ballerini

Equipe Técnica e Pedagógica
Ana Paula Lavos, Clélia La Laina, Dilma Fabri Marão Pichoneri, Fernando Manzieri Heder, Gressiqueli Regina Chiachio Buosi, Jossélia Aparecida F. C. de Fontoura, Lais Schalch, Liliana Rolfsen Petrilli Segnini, Maria Helena de Castro Lima, Silvia Andrade da Silva Telles e Walkiria Rigolon

Autores
Arte: Eloise Guazzelli. *Ciências:* Gustavo Isaac Killner. *Geografia:* Mait Bertollo. *História:* Fábio Barbosa. *Inglês:* Eduardo Portela. *Língua Portuguesa:* Claudio Bazzoni. *Matemática:* Antonio José Lopes. *Trabalho:* Selma Venco.

Gestão do processo de produção editorial

Fundação Carlos Alberto Vanzolini

Antonio Rafael Namur Muscat
Presidente da Diretoria Executiva

Hugo Tsugunobu Yoshida Yoshizaki
Vice-presidente da Diretoria Executiva

Gestão de Tecnologias aplicadas à Educação

Direção da Área
Guilherme Ary Plonski

Coordenação Executiva do Projeto
Angela Sprenger e Beatriz Scavazza

Gestão do Portal
Luiz Carlos Gonçalves, Sonia Akimoto e Wilder Rogério de Oliveira

Gestão de Comunicação
Ane do Valle

Gestão Editorial
Denise Blanes

Equipe de Produção
Assessoria pedagógica: Ghisleine Trigo Silveira
Editorial: Airton Dantas de Araújo, Beatriz Chaves, Camila De Pieri Fernandes, Carla Fernanda Nascimento, Célia Maria Cassis, Daniele Brait, Fernanda Bottallo, Lívia Andersen França, Lucas Puntel Carrasco, Mainã Greeb Vicente, Patrícia Maciel Bomfim, Patrícia Pinheiro de Sant'Ana, Paulo Mendes e Sandra Maria da Silva
Direitos autorais e iconografia: Aparecido Francisco, Beatriz Blay, Hugo Otávio Cruz Reis, Olívia Vieira da Silva Villa de Lima, Priscila Garofalo, Rita De Luca e Roberto Polacov
Apoio à produção: Luiz Roberto Vital Pinto, Maria Regina Xavier de Brito, Valéria Aranha e Vanessa Leite Rios
Projeto gráfico-editorial: D'Livros Editora e Distribuidora Ltda e Michelangelo Russo (Capa)

CTP, Impressão e Acabamento
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Caro(a) estudante,

É com grande satisfação que apresentamos os Cadernos do Estudante do Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Mundo do Trabalho, em atendimento a uma justa reivindicação dos educadores e da sociedade. A proposta é oferecer um material pedagógico de fácil compreensão, para complementar suas atuais necessidades de conhecimento.

Sabemos quanto é difícil para quem trabalha ou procura um emprego se dedicar aos estudos, principalmente quando se retorna à escola após algum tempo.

O Programa nasceu da constatação de que os estudantes jovens e adultos têm experiências pessoais que devem ser consideradas no processo de aprendizagem em sala de aula. Trata-se de um conjunto de experiências, conhecimentos e convicções que se formou ao longo da vida. Dessa forma, procuramos respeitar a trajetória daqueles que apostaram na educação como o caminho para a conquista de um futuro melhor.

Nos Cadernos e vídeos que fazem parte do seu material de estudo, você perceberá a nossa preocupação em estabelecer um diálogo com o universo do trabalho. Além disso, foi acrescentada ao currículo a disciplina Trabalho para tratar de questões relacionadas a esse tema.

Nessa disciplina, você terá acesso a conteúdos que poderão auxiliá-lo na procura do primeiro ou de um novo emprego. Vai aprender a elaborar o seu currículo observando as diversas formas de seleção utilizadas pelas empresas. Compreenderá também os aspectos mais gerais do mundo do trabalho, como as causas do desemprego, os direitos trabalhistas e os dados relativos ao mercado de trabalho na região em que vive. Além disso, você conhecerá algumas estratégias que poderão ajudá-lo a abrir um negócio próprio, entre outros assuntos.

Esperamos que neste Programa você conclua o Ensino Fundamental e, posteriormente, continue estudando e buscando conhecimentos importantes para seu desenvolvimento e para sua participação na sociedade. Afinal, o conhecimento é o bem mais valioso que adquirimos na vida e o único que se acumula por toda a nossa existência.

Bons estudos!

Paulo Alexandre Barbosa
Secretário de Estado de Desenvolvimento
Econômico, Ciência e Tecnologia

Sumário

LÍNGUA PORTUGUESA

Caro(a) estudante,

Este Caderno de Língua Portuguesa tem por objetivo aprofundar seus conhecimentos sobre práticas de linguagem, como leitura, fala, escuta e produção escrita, para que você se envolva ainda mais com as palavras, sentindo-se cada vez mais confiante para se expressar e participar ativamente da construção de sentidos dos diversos textos, nos mais variados contextos, o que significa também participar do mundo.

Na Unidade 1, você vai escrever uma autobiografia. Para isso, vai reconstituir a trajetória de sua vida e atribuir um sentido novo a fatos que viveu. Também poderá conhecer um pouco da trajetória de vida de outras pessoas e dos colegas de turma. Nessa Unidade, você também vai aprender mais sobre expressões que indicam tempo, sobre usos dos sinais de pontuação e sobre outros gêneros – o autorretrato e a biografia, para que amplie suas referências.

A produção de uma biografia é o tema da Unidade 2. Você verá que, para escrever um texto desse gênero, será necessário reunir informações, documentos e depoimentos da pessoa biografada. Com as leituras que vai fazer, você poderá distinguir informações e pontos de vista do biógrafo, pois um texto biográfico pressupõe escolhas baseadas nos objetivos com que o registro é feito. Depois, você dará continuidade às reflexões sobre percursos de vida, aprofundando seus conhecimentos sobre o conteúdo de um currículo, percebendo as relações entre textos, contextos e vida.

Na Unidade 3, você vai estudar conteúdos relacionados aos padrões da escrita. Nessa Unidade, você encontrará exercícios de redação, para que possa apropriar-se de regras ortográficas e de usos dos sinais de pontuação. Conhecendo pouco a pouco os padrões de escrita, você ganhará confiança para revisar os textos que produz. Com isso, você vai ver que a revisão faz parte do processo de escrever.

Na Unidade 4, além de produzir um conto, você vai ler histórias maravilhosas, dando um verdadeiro mergulho no universo da ficção literária. Conhecerá os elementos que constituem o conto, podendo assim descobrir como os autores exploram esses elementos nas histórias que criam. Assim, você poderá reencontrar o prazer de escrever, contar e ler histórias.

Na Unidade 5, você vai praticar um modo de leitura – ler para aprender – que vai ajudá-lo a interagir mais com os textos que tem de estudar. Nessa Unidade, você vai aprender a reconhecer e destacar ideias importantes e a fazer fichamentos. Também aprenderá a ler em profundidade. Com isso, você será um bom estudante e um cidadão mais conectado.

Bons estudos!

Unidade

1 Minha vida, nossas vidas

Ainda bem que o que vou escrever já deve estar na certa de algum modo escrito em mim. Tenho é que me copiar com uma delicadeza de borboleta branca.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997, p. 35.

Nesta Unidade, você vai contar sua história. Verá que as memórias, mesmo as mais pessoais, são influenciadas por acontecimentos históricos, sociais e, vale dizer, coletivos. Vai estudar principalmente a autobiografia e a biografia, aprender mais sobre expressões que indicam tempo e verificar alguns usos dos sinais de pontuação.

Para iniciar...

O poeta Carlos Drummond de Andrade, em um dos poemas mais célebres da literatura brasileira, *Canção amiga*, escreve: "Minha vida, nossas vidas formam um só diamante".

ANDRADE, Carlos Drummond de. Canção amiga. In:_____. *Novos Poemas*. São Paulo: Companhia das Letras. Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond. <http://www.carlosdrummond.com.br>.

É forte essa ideia, não é? Ela pode ser interpretada de muitas maneiras...

- Como você a entende?
  Uma possível interpretação é considerar as excepcionais qualidades físicas do diamante (dureza, limpidez e luminosidade) como símbolos da força, da resistência, da perfeição. Cada diamante – cada vida – revela uma peculiaridade, uma riqueza, um valor.

- Mas quem somos nós? Quem sou eu? Somos o que escolhemos ser? Somos uma sequência de DNA? Somos "animais racionais"? Somos o que vivemos? Somos nossas recordações? Somos os caminhos que percorremos? Somos uma história? Somos a profissão que exercemos? Somos a soma de tudo isso e de muito mais?

  Levamos uma vida inteira para responder a essas perguntas e, ainda assim, não há resposta exata. Quando surgem indagações desse tipo, contar a própria história e conhecer a história do outro são estratégias que podem ajudar muito na busca por possíveis respostas.

- Como você contaria sua história? Quais fatos de sua vida você considera importantes? O que você aprendeu com eles?
- Você acha que suas experiências de vida podem se parecer com as de outras pessoas?
- Você conhece a história de vida de alguma personalidade? Já leu alguma biografia?
- Em sua opinião, o que não pode faltar em textos que relatam trajetórias de vida?

Contando a própria história

Desde os tempos das cavernas, o ser humano sente necessidade de contar aos outros as experiências significativas que vivencia. Ao conhecer a trajetória de vida de outras pessoas e refletir sobre ela, é possível entender melhor a maneira de viver e de ver o mundo. Da mesma forma, quando escrevemos nossas memórias, é inevitável que aspectos coletivos da vida em sociedade sejam revelados. Isso acontece porque pertencemos a um grupo social que vive em um lugar e em uma época específicos, marcados por determinados hábitos e valores culturais. Assim, por trás das lembranças dos acontecimentos vividos, não há apenas uma história (a minha história), mas a história da humanidade: “minha vida, nossas vidas”.

Entre as diversas formas de registrar e perpetuar uma história de vida está o gênero autobiografia.

Autobiografia é uma palavra de origem grega formada por *autos* (o mesmo), *bíos* (vida) e *grápheín* (escrever). Ou seja, é a história de vida que a própria pessoa escreve e da qual é protagonista, isto é, tem um papel de destaque nos acontecimentos do passado e do presente.

Conforme o professor Massaud Moisés, a reconstituição do passado individual, em uma autobiografia, ocorre em dois níveis: o dos acontecimentos, e o dos significados que eles têm. Em outras palavras, a autobiografia pode se tornar, para quem a escreve, um caminho de autodescoberta, pois, ao “reviver” fatos, experiências e sentimentos e registrá-los usando palavras, o autor pode atribuir um sentido à sua história.

Assim, além do registro do que foi vivido, o autor de uma autobiografia faz uma espécie de reflexão, de interpretação dos acontecimentos, impossível de ser feita na ocasião em que ocorrem. Reflexões do tipo “valeu a pena ter escolhido aquele caminho” ou “todo aquele sofrimento que vivi não foi em vão” só podem ocorrer quando os acontecimentos já passaram. Em um texto autobiográfico, também é comum os narradores contarem como se sentem, lembrando-se do passado, narrando suas memórias. “Conhece-te a ti mesmo” é um lema muito antigo que a autobiografia parece atualizar.

Mas atenção! O contato com a realidade é sempre mediado pela linguagem. As autobiografias são constituídas pelas palavras. Certamente, a seleção de palavras para a identificação de seres e o relato de acontecimentos sempre revela o ponto de vista de quem está contando o fato. Claro que o que se busca em uma autobiografia é a “verdade” dos fatos, o “verdadeiro” sentido de tudo o que aconteceu. Mas algumas distorções são inevitáveis, seja por esquecimento ou omissão, seja para aumentar ou diminuir a importância de alguns aspectos, seja pela natureza das palavras. O predomínio de um ponto de vista, os exageros, os julgamentos parciais, as omissões etc. são naturais em textos narrados em 1ª pessoa (quando o narrador é personagem central da história que conta e, ao mesmo tempo, considera suas percepções, seus pensamentos e sentimentos).

A autobiografia é, em geral, um texto narrado em 1ª pessoa, porque o pronome “eu” é usado por aquele que fala ou escreve sobre si mesmo, para contar a própria história.

Referência

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 46-47.

Atividade 1 ▪ Minha vida daria um livro

Você já ouviu a frase "Minha vida daria um livro"? O que acha dela? Sua vida daria um livro? Todas as vidas dariam uma biografia?

Agora, você vai escrever sua autobiografia. É um grande desafio.

Você viu que esse gênero textual tem como tema central a vida de uma pessoa, contada ou escrita por ela mesma. Viu também que a autobiografia não apresenta somente os acontecimentos do passado, mas procura reconstruí-los, "ressignificá-los". Em meio a essa "ressignificação" do que foi vivenciado, o autor de um texto autobiográfico pode registrar os sentimentos e as impressões despertados pelas lembranças.

Para realizar essa tarefa, pense em sua trajetória de vida, quanto você já batalhou e vem batalhando para realizar seus sonhos, suas conquistas. Comece escrevendo sobre suas origens, sua família, sua infância, sobre as coisas importantes que você viveu até aqui. Registre suas recordações sem receios, com prazer e emoção. Ao longo desta Unidade, seu texto será revisado até chegar a uma versão mais definitiva, com a qual você se sinta satisfeito.

Você sabia que existe um museu virtual de histórias de vida?

O Museu da Pessoa é um museu virtual no qual o público registra suas histórias, relata fatos interessantes de algum lugar onde morou, lembranças da infância etc. Para saber mais, acesse o *site*: <http://www.museudapessoa.net/>. Acesso em: 24 maio 2012.

Escreva a primeira versão de sua autobiografia em uma folha à parte. Coloque a data na folha e entregue-a ao professor. Depois que ele devolvê-la, você vai guardá-la, porque voltará a trabalhar com esse texto. Escrever é um processo composto de várias etapas, o que significa aprender a ler textos que deem ideias, estudar um pouco de gramática... Enfim, redigir aos poucos. Trata-se de viajar no tempo e no texto, mergulhando em si mesmo.

Leituras que ajudam a escrever melhor

O objetivo agora é ler dois textos. O primeiro é um trecho de uma autobiografia de Otávio Júnior retirado do livro *O livreiro do Alemão*, o segundo é um relato de experiências vividas pela escritora Clarice Lispector. Ao lê-los, você poderá analisar o modo como os autores tratam da vida humana, sob um ângulo próprio. Verificando a maneira pela qual os autores produziram os textos, você terá condições de revisar a autobiografia produzida na Atividade 1.

Atividade 2 ▪ Autobiografia de Otávio Júnior

1. Você vai ler um trecho do livro autobiográfico *O livreiro do Alemão*, de Otávio Júnior.

   a) Você já ouviu falar no Complexo do Alemão, um conjunto de 13 favelas no Rio de Janeiro? Sabe o que é um "livreiro"? Que história de vida você acha que é contada em um livro intitulado *O livreiro do Alemão*?

   ____

   ____

   ____

   b) Otávio Júnior mora em um dos morros do Complexo do Alemão. Em seu livro, ele conta que quem mora no morro convive com medo, angústia, desespero, mas também com um enorme desejo de superação... Desejo de superar a violência, o preconceito, a falta de perspectiva. Em sua autobiografia, Otávio conta como se apaixonou pela leitura e diz que se sente realizado ao fazer um trabalho de incentivo à leitura com moradores do Complexo do Alemão.

   Essas informações coincidem com o que você respondeu na questão anterior?

   ____

   ____

   ____

   c) Você acha que a história de vida de Otávio é importante para as pessoas da comunidade em que ele vive? Por quê?

   ____

   ____

   ____

   d) Em sua opinião, por que é importante que um morador de uma favela do Rio de Janeiro escreva e publique sua história de vida?

   ____

   ____

   ____

2. Agora, leia o primeiro e o segundo capítulos da autobiografia de Otávio Júnior e responda às questões propostas.

1

O PRIMEIRO LIVRO

Era uma vez um menino de oito anos. Como a história é minha, eu queria que ela começasse com "era uma vez". Todas as manhãs, eu, minha mãe, Joana D'Arc, e minha irmã, Jucilene, então com cinco anos, íamos até a igreja, que ficava a seis quadras de casa. Descíamos uma pequena escadaria e virávamos à direita. Estava de bermuda, camisa e sapato. O culto durou aproximadamente uma hora, como de hábito. No caminho de volta, eu sempre dava um jeito de desviar pelo campinho de futebol. Os "donos do campo" já estavam lá. Quando a turma de 16, 17 anos chegava, as crianças tinham de sair imediatamente. A senha era sempre a mesma. Um deles chutava a bola para o alto com muita força e anunciava:

— Acabou o juvenil!

As crianças, incluindo eu, saíam correndo na mesma hora. Só nos era permitido ficar na beirada, vendo o jogo.

Naquela manhã, os grandões estavam jogando. Era difícil ver a bola dente de leite, velha e surrada. De tão gasta, ela já tinha perdido os desenhos que imitavam gomos pretos. Tinha a mesma cor da terra do campo.

O entorno era um grande depósito de lixo. Não havia serviço de coleta na comunidade. Todo o lixo era queimado ali mesmo. Para não invadir o terrão, fui caminhando pela sujeira. De repente, vi uma caixa cheia de brinquedos quase novos. Devo ter dado um grito de surpresa, de espanto, alguma coisa assim. Esse foi meu erro. Todos os que estavam em volta do campo ouviram e correram em minha direção. Os brinquedos só podiam ser de um menino com melhores condições de vida, que morava no pé do morro. Deu tempo apenas de pegar o livro que estava ali: *Don Gatón*. Não sei como explicar, mas tive olhos apenas para o livro, e não para os brinquedos, que foram rapidamente atacados. Depois da "batalha", levei aquele exemplar como um troféu para a casa. Estava começando a viver ali o meu conto de fadas. (Entendeu por que a minha história tinha mesmo que começar com um "era uma vez"?)

2

UM LIVRO À LUZ DE VELAS

Naquele mesmo dia, no começo da noite, uma chuva muito forte acabou com a luz do morro e em nossa casa. Minha mãe acendeu duas velas, suficientes para iluminar o único cômodo que servia de sala, quarto e cozinha. Ficamos sem o capítulo da novela *Vamp*, com o Ney Latorraca, em nosso pequeno televisor em preto e branco. Lembrei do livro, que estava guardado numa pilha com os meus cadernos de escola. Fiquei encantado com as ilustrações de *Don Gatón*, que corria com linguiças pela casa. Lia e ria. Fui dormir abraçado ao livro, na mesma cama em que estavam meu pai, minha mãe e minha irmã. Morávamos em um quarto e sala. Estava maravilhado. Passei uma semana com ele para cima e para baixo. Até que decidi que queria outros. Comecei a pedir livros emprestados a vizinhos.

O primeiro a atender aos meus apelos foi o Tiago, um amigo que colecionava histórias em quadrinhos. Tiago é hoje formado em Biologia. Ele me emprestou gibis da Turma da Mônica e da Disney. Outros amigos fizeram o mesmo. Cheguei a receber uma bíblia mórmon e um manual de proprietário de Passat 1980. Voltava toda hora ao campinho para ver se encontrava novos livros. De tanto mexer no lixo, alguns amigos começaram a me chamar de "Xepa". Não importava. O que eu queria era ler. Lembro até o dia em que meu pai chegou em casa com um mapa do Brasil enorme, que ele havia trazido do trabalho. Fiquei decorando os nomes das cidades, das capitais, das estradas, das ferrovias. Comecei a imaginar as viagens que faria (e os livros já me levaram a muitos desses lugares!). Ganhei também dois exemplares antigos de Monteiro Lobato: *Reinações de Narizinho* e *As caçadas de Pedrinho*, ambos de 1965. Como não tinha um quarto só para mim, o jeito era guardar essas relíquias no armário compartilhado que tínhamos na sala. Aquele armário se tornou mágico.

[...]

JÚNIOR, Otávio. *O livreiro do Alemão*. São Paulo: Panda Books, 2011, p. 18-22.

a) Grife no texto uma frase que mostre a narração em 1ª pessoa, ou seja, quando o narrador é quem vive os fatos.

b) O autor/narrador termina o Capítulo 1 de sua autobiografia fazendo uma pergunta para o leitor: "Entendeu por que a minha história tinha mesmo que começar com um 'era uma vez'?". De que forma você responderia a essa pergunta?

c) Em autobiografias, é comum que o autor revele a importância dos fatos que viveu, das pessoas com quem conviveu, dos objetos que teve. No Capítulo 2, Otávio Júnior fala sobre dois objetos que foram marcantes na vida dele. Quais são esses objetos? Que importância eles têm?

d) Em relatos autobiográficos, a verdade objetiva dos fatos é vista a partir de uma ótica pessoal e subjetiva. No trecho "Era difícil ver a bola dente de leite, velha e surrada. De tão gasta, ela já tinha perdido os desenhos que imitavam gomos pretos. Tinha a mesma cor da terra do campo", o que pode ser considerado subjetivo? E o que pode ser classificado como objetivo?

e) O autor/narrador escreve que foi um "erro" ter gritado de surpresa ao ver, no lixo, a caixa cheia de brinquedos. Considerando o que aconteceu depois, é certo pensar que ele errou ao gritar? Por quê?

3. Com base no texto:

a) Complete a tabela. Na primeira coluna, devem aparecer palavras e expressões que indicam tempo (marcadores temporais); na segunda coluna, deve aparecer o que foi vivido por Otávio; e, na terceira, o tempo (passado, presente, futuro) do verbo.

Marcadores temporais	Fato	Tempo do verbo
Todas as manhãs	eu, minha mãe, Joana D'Arc, e minha irmã, Jucilene, então com cinco anos, íamos até a igreja	
	os grandões estavam jogando	
De repente		
	levei aquele exemplar como um troféu	
	uma chuva muito forte acabou com a luz do morro e em nossa casa	

b) Indique o tempo verbal que predomina na autobiografia. Se algumas frases de uma autobiografia fossem iniciadas com as expressões "hoje", "neste momento", "no próximo ano" ou "no mês que vem", como ficariam os tempos verbais?

Atividade 3 ▪ Marcadores temporais e o uso dos sinais de pontuação

Conforme os manuais de gramática da língua portuguesa, a ordem dos termos na frase pode influenciar no uso dos sinais de pontuação. Na ordem direta, como em "Os estudantes escreveram a autobiografia na noite de ontem", os termos que marcam o tempo – o trecho "na noite de ontem", no exemplo citado – aparecem no final da frase. Quando ocorrem no início ou no meio, devem ser isolados por vírgula. Veja outros exemplos:

- Não poderia imaginar que viria morar na cidade **naquela época.**
- **Naquela época**, não poderia imaginar que viria morar na cidade.
- Não poderia imaginar que, **naquela época**, viria morar na cidade.

1. Considerando sua trajetória de vida, crie frases, em seu caderno, iniciadas com as expressões indicadoras de tempo que aparecem no quadro. Verifique quais delas podem ser acrescentadas à primeira versão de sua autobiografia.

Naquele tempo   Quando vivia na casa de meus pais
Naquela época   Durante muito tempo   Em uma manhã
Depois de muita reflexão   Naquele instante   No mês seguinte
Hoje   Neste momento   Daqui a alguns anos.

Fica a dica

Conheça outra autobiografia: *Nas ruas do Brás*, de Drauzio Varella. Nesse livro, o médico Drauzio Varella descreve memórias pessoais da infância, quando morava no Brás. (VARELLA, Drauzio. *Nas ruas do Brás*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000).

Observação: na elaboração dessas frases, observe o uso da vírgula e o tempo verbal. Lembre-se também de usar a pontuação para encerrar sua frase.

2. Reescreva, em seu caderno, as frases que você criou, mudando de posição os marcadores temporais. Verifique em textos autobiográficos em que lugar na frase (começo, meio ou fim) esses marcadores são mais comuns. Observe novamente o uso da vírgula e de outros sinais de pontuação para encerrar a frase. Atente para o uso de letras maiúsculas no início da frase.

Observação: na Unidade 3, você vai encontrar outras atividades que tratam do uso dos sinais de pontuação.

Atividade 4 ■ Nossas experiências

1. Cite três coisas que você faz e que o deixam feliz.

2. Cite algo que você tenha aprendido a fazer muito bem, isto é, que saiba fazer com um "grau de excelência". Escreva como aprendeu essa atividade e como se aperfeiçoou nela.

3. Refletir sobre o título de um texto pode ajudá-lo a ter ideias sobre o seu conteúdo, antes mesmo de lê-lo. O texto que você vai ler na próxima página chama-se *As três experiências*. Ele foi escrito por Clarice Lispector e pertence ao livro *A descoberta do mundo*. Esse livro traz uma

> seleção de crônicas publicadas originalmente na coluna semanal que Clarice Lispector escrevia aos sábados, no Caderno B, do *Jornal do Brasil*, entre agosto de 1967 e dezembro de 1973. Nela, escrevia sobre temas variados: da infância no Recife a uma passeata contra a ditadura nas ruas do Rio de Janeiro; de seu processo de criação à satisfação em receber o carinho dos leitores. Nessas crônicas, escrevia também sobre as particularidades da sua vida familiar.

Texto extraído do *site* da Editora Rocco, confeccionado para a escritora Clarice Lispector. *A descoberta do mundo*. Disponível em: <http://www.claricelispector.com.br/1984_Adescobertadomundo.aspx>. Acesso em: 24 maio 2012.

a) Com base no título *As três experiências*, o que você acha que esse texto aborda?

b) No início desta Atividade você refletiu sobre o que o faz feliz. Quais experiências de sua vida você considera mais marcantes: as mais alegres ou as mais tristes? Por quê?

Clarice Lispector nasceu em 1920, em Tchetchelnik, Ucrânia, mas veio muito pequena com os pais para o Brasil, para viver na cidade do Recife. Em 1934, foi morar no Rio de Janeiro, onde cresceu e estudou. Clarice viveu e trabalhou em vários lugares do mundo. Quando voltou a viver no Rio de Janeiro, trabalhou como jornalista.

Escreveu vários livros importantes. Entre os romances, destacam-se *A maçã no escuro* (1961), *A paixão segundo G. H.* (1964), *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1969) e *A hora da estrela* (1977). Entre os vários livros de contos, estão *Laços de família* (1960) e *Felicidade clandestina* (1961). Clarice Lispector faleceu em 1977.

4. Agora, leia o texto. Depois, realize os exercícios propostos.

As três experiências

Há três coisas para as quais eu nasci e para as quais eu dou minha vida. Nasci para amar os outros, nasci para escrever, e nasci para criar meus filhos. O "amar os outros" é tão vasto que inclui até perdão para mim mesma, com o que sobra. As três coisas são tão importantes que minha vida é curta para tanto. Tenho que me apressar, o tempo urge. Não posso perder um minuto do tempo que faz minha vida. Amar os outros é a única salvação individual que conheço: ninguém estará perdido se der amor e às vezes receber amor em troca.

Eu nasci para escrever. A palavra é meu domínio sobre o mundo. Eu tive desde a infância várias vocações que me chamavam ardentemente. Uma das vocações era escrever. Eu não sei por que, foi esta que eu segui. Talvez porque para as outras vocações eu precisaria de um longo aprendizado, enquanto que para escrever o aprendizado é a própria vida se vivendo em nós e ao redor de nós. É que não sei estudar. E, para escrever, o único estudo é mesmo escrever. Adestrei-me desde os sete anos de idade para que um dia eu tivesse a língua em meu poder. E no entanto cada vez que vou escrever, é como se fosse a primeira vez. Cada livro meu é uma estreia penosa e feliz. Essa capacidade de me renovar toda à medida que o tempo passa é o que eu chamo de viver e escrever.

Quanto a meus filhos, o nascimento deles não foi casual. Eu quis ser mãe. Meus dois filhos foram gerados voluntariamente. Os dois meninos estão aqui, ao meu lado. Eu me orgulho deles, eu me renovo neles, eu acompanho seus sofrimentos e angústias, eu lhes dou o que é possível dar. Se eu não fosse mãe, seria sozinha no mundo. Mas tenho uma descendência e para eles no futuro eu preparo meu nome dia a dia. Sei que um dia abrirão as asas para o voo necessário, e eu ficarei sozinha. É fatal, porque a gente não cria filhos para a gente, nós os criamos para eles mesmos. Quando eu ficar sozinha, estarei seguindo o destino de todas as mulheres.

Sempre me restará amar. Escrever é alguma coisa extremamente forte mas que pode me trair e me abandonar: posso um dia sentir que já escrevi o que é o meu lote neste mundo e que eu devo aprender também a parar. Em escrever eu não tenho nenhuma garantia.

Ao passo que amar eu posso até a hora de morrer. Amar não acaba. É como se o mundo estivesse à minha espera. E eu vou ao encontro do que me espera.

Espero em Deus não viver do passado. Ter sempre o tempo presente e, mesmo ilusório, ter algo no futuro.

O tempo corre, o tempo é curto: preciso me apressar, mas ao mesmo tempo viver como se esta minha vida fosse eterna. E depois morrer vai ser o final de alguma coisa fulgurante: morrer será um dos atos mais importantes da minha vida. Eu tenho medo de morrer: não sei que nebulosas e vias-lácteas me esperam. Quero morrer dando ênfase à vida e à morte.

Só peço uma coisa: na hora de morrer eu queria ter uma pessoa amada por mim ao meu lado para me segurar a mão. Então não terei medo, e estarei acompanhada quando atravessar a grande passagem. Eu queria que houvesse encarnação: que eu renascesse depois de morta e desse a minha alma viva para uma pessoa nova. Eu queria, no entanto, um aviso. Se é verdade que existe uma reencarnação, a vida que levo agora não é propriamente minha: uma alma me foi dada ao corpo. Eu quero renascer sempre. E na próxima encarnação vou ler meus livros como uma leitora comum e interessada, e não saberei que nesta encarnação fui eu quem os escrevi.

Está-me faltando um aviso, um sinal. Virá como intuição? Virá ao abrir um livro? Virá esse sinal quando eu estiver ouvindo música?

Uma das coisas mais solitárias que eu conheço é não ter a premonição.

LISPECTOR, Clarice. As três experiências. In:_____. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 135-137.

a) Repare que o texto de Clarice Lispector pode ser dividido em duas grandes partes: na primeira, a autora trata das três coisas para as quais ela nasceu; na segunda, expressa o que ela pensa sobre viver e morrer. Numere os parágrafos do texto e indique aqueles em que cada parte começa e termina.

- 1ª parte: _______ ao _______ parágrafo.
- 2ª parte: _______ ao _______ parágrafo.

b) A autora trata separadamente dos propósitos para os quais nasceu. Escreva o que ela afirma ser mais importante em cada propósito. O quadro a seguir vai ajudá-lo:

As três experiências (Clarice Lispector)
"Amar os outros":
"Escrever":
"Criar os filhos":

c) Escreva as ideias da autora sobre a vida e a morte, tratadas na segunda parte do texto. Faça um quadro como o do modelo.

Vida	Morte

d) Escreva em seu caderno um texto com as ideias importantes que você indicou nos itens "b" e "c". É importante perceber que o que você vai escrever são experiências de uma terceira pessoa, a autora/narradora Clarice Lispector. Por isso, terá de escrever o texto em 3ª pessoa, usando o nome "Clarice" ou o pronome "ela". Seu resumo poderia começar assim:

O texto "As três experiências", de Clarice Lispector, apresenta as três coisas para as quais a autora/narradora nasceu e deu sua vida. Ela nasceu para...

Fica a dica

A obra *A hora da estrela* retrata a comovente história da nordestina Macabéa, que se mudou para o Rio de Janeiro. O livro traz uma importante reflexão sobre os valores da sociedade moderna e a própria existência humana (LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997).

Atividade 5 ▪ O final da minha autobiografia: um olhar para o futuro

1. Releia a segunda parte do texto *As três experiências*, de Clarice Lispector. Nela, a autora cria um desfecho, isto é, um final. As expressões que dão ideia de futuro ajudam a perceber que o texto se dirige a esse desfecho. Repare que, no final, muitos verbos aparecem no tempo futuro. Por exemplo: "Então não **terei** medo

e **estarei** acompanhada quando atravessar a grande passagem". Leia novamente a segunda parte, grifando outras expressões que apontam para o futuro e criam no leitor a sensação de que o texto está chegando ao fim.

2. Escreva o que você espera para o futuro. Quais são suas perspectivas? Quais são os próximos passos que pretende dar?

Revisão de texto

Você vai fazer a última revisão de sua autobiografia. Leve em conta as orientações enumeradas a seguir. Depois que o texto estiver finalizado, você poderá apresentá-lo a seus leitores, que, assim, poderão conhecer sua história de vida. Poderá também, se quiser, postá-lo no *site* do Museu da Pessoa.

Para ajudá-lo nessa tarefa, seguem alguns passos importantes:

1. Retome a primeira versão de seu texto, aquela que você escreveu no início desta Unidade e que foi parcialmente corrigida pelo professor. Verifique se ela tem um título. Se não tiver, crie um.
2. Caso a primeira versão não tenha uma breve introdução que informe ao leitor como você organizou sua história de vida, faça isso agora. Escreva também sobre a emoção que está sentindo por poder contar sua história.
3. Leia a primeira versão de seu texto e verifique se as expressões que indicam tempo estão bem colocadas e se são variadas. Verifique se você escreveu datas, a idade que tinha quando aconteceu o que foi relatado etc.
4. Observe se os sinais de pontuação foram usados de acordo com o que você aprendeu nesta Unidade.
5. Verifique se você escreveu sobre as coisas que sabe fazer bem. Caso seja necessário, faça acréscimos.
6. Se quiser, ao longo do texto você pode inserir outros títulos, como: "Infância"; "Mudanças radicais"; "Alegria inesperada" etc. Use sua imaginação para criar títulos que atraiam o leitor.

7. Reveja o desfecho de seu texto. Seus objetivos para o futuro estão bem descritos?
8. Escolha uma ou mais fotos para ilustrar seu texto. Se quiser, você pode desenhar um autorretrato. Esse desenho (ou uma foto ampliada) pode ser a capa de sua autobiografia.
9. Depois de realizar os passos anteriores, releia o texto. Você acha que o leitor de sua autobiografia poderá construir uma ideia sobre você? Além de relatar os fatos, você apresentou em seu texto o que eles significaram para você?
10. Por fim, passe tudo a limpo, usando apenas a parte da frente das folhas. Tire cópias do texto e as distribua às pessoas que você gostaria que conhecessem sua história.

Autorretrato e biografia

Quando o assunto é resgatar e registrar memórias, há uma variedade enorme de gêneros textuais. Você vai conhecer agora outros dois gêneros: o autorretrato e a biografia.

O **autorretrato**, como a palavra indica, é um retrato que alguém faz de si mesmo. É uma autodescrição que pode ser feita por meio de diferentes linguagens: pintura, gravura ou palavras. Esse gênero é próximo da autobiografia, pois tem como marca a reflexão que se faz de si mesmo. O retrato que a pessoa faz sobre si pode ser pessimista, otimista, leve, pesado, bem-humorado, sério etc.

A **biografia** vem das palavras gregas *bíos* (vida) e *gráphein* (escrever). Esse termo designa toda obra que narra, na totalidade ou em parte, a vida de pessoas conhecidas ou desconhecidas. Um texto desse gênero pode ser composto de informações, documentos, fotos, cartas e depoimentos de parentes, amigos, críticos e, quando possível, da própria pessoa biografada. Biografar implica pesquisar a fundo a vida dessa personalidade.

O autor de uma biografia tem certa liberdade para montar o texto, ordenando e enfatizando ideias ou episódios da maneira que julga traduzir melhor a pessoa biografada.

É fundamental ter em mente que, quando lemos uma biografia, é por meio do olhar do autor que conhecemos a pessoa biografada. A maneira como o texto é montado, as pequenas narrativas e descrições da pessoa, as cenas escolhidas, os lugares e as paisagens fotografadas, o estilo romanceado ou não do texto revelam a intenção de quem escreve sobre a vida de alguém.

Atividade 6 ▪ Autorretrato e biografia

1. Você vai ler e comparar dois textos. O título do primeiro é *Autorretrato*, escrito por Manoel de Barros. O outro é a biografia desse importante poeta brasileiro.

   a) Escreva uma diferença entre autorretrato e biografia. Justifique a resposta.

   ____

   ____

   ____

   b) Em sua opinião, quais informações nunca poderiam faltar na biografia de um poeta?

   ____

   ____

   ____

   c) Você já tinha ouvido falar de Manoel de Barros? O que você sabe sobre a vida desse poeta?

   ____

   ____

   ____

2. Sabendo que Manoel de Barros é um poeta que valoriza as pequenas coisas da vida, como o cisco no chão, o musgo da pedra etc., leia o texto *Autorretrato* e responda aos exercícios propostos.

Autorretrato

Ao nascer eu não estava acordado, de forma que
não vi a hora.
Isso faz tempo.
Foi na beira de um rio.
Depois eu já morri 14 vezes.
Só falta a última.
Escrevi 14 livros
E deles estou livrado.
São todos repetições do primeiro.
(Posso fingir de outros, mas não posso fugir de mim.)
Já plantei 18 árvores, mas pode que só quatro.
Em pensamento e palavras namorei noventa moças,

mas pode que nove.
Produzi desobjetos, 35, mas pode que onze.
Cito os mais bolinados: um alicate cremoso, um
abridor de amanhecer, uma fivela de prender silêncios,
um prego que farfalha, um parafuso de veludo etc. etc.
Tenho uma confissão: noventa por cento do que
escrevo é invenção; só dez por cento que é mentira.
Quero morrer num barranco de um rio: – sem moscas
na boca descampada.

BARROS, Manoel de. Autorretrato. In ______. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010, p. 389-390.

a) O que você achou do autorretrato do poeta Manoel de Barros?

b) Observe a frase que aparece entre parênteses: “Posso fingir de outros, mas não posso fugir de mim”. Como você entende essa frase? O que ela desperta em você?

c) O poeta afirma já ter morrido 14 vezes, o mesmo número de livros que escreveu. Que relação você acha que pode existir entre o ato de escrever livros e essas 14 mortes?

d) Você reparou que no autorretrato de Manoel de Barros há coisas que fogem do convencional? Ele não constrói objetos, mas “desobjetos”, parece ter mais incertezas do que certezas, diz que noventa por cento do que escreve é invenção e só dez por cento é mentira... Em sua opinião, qual visão é possível criar a respeito do poeta, levando em consideração o que ele escreve de si mesmo?

Fica a dica

Para conhecer mais a vida e a obra do poeta Manoel de Barros, assista ao documentário *Só dez por cento é mentira* (direção de Pedro Cezar, 2008).

3. Agora leia uma biografia de Manoel de Barros.

Manoel de Barros

Manoel Wenceslau Leite de Barros nasceu em Cuiabá (MT), em 1916. Ainda novo, foi morar em Corumbá (MS) e mais tarde iria para o Rio de Janeiro, para fazer a faculdade de Direito. Viajou pela Bolívia e pelo Peru, morou em Nova York, captou em cada um dos lugares por onde passava um pouco da essência da liberdade, que aplicaria em suas poesias.

Apesar de ter publicado o primeiro livro em 1937, o *Poemas concebidos sem pecado*, o primeiro livro que escreveu acabou nas mãos de um policial. O jovem Manoel fez a pichação “Viva o comunismo”, em um monumento, e a polícia foi em busca do autor da ousadia. Para defendê-lo, a dona da pensão em que vivia disse ao policial que o “criminoso” em questão era autor de um livro. O policial pediu para ver e levou o livro. Chamava-se *Nossa Senhora de Minha Escuridão* e Manoel nunca o teve de volta.

Formou-se em Direito, em 1941, na cidade do Rio de Janeiro. E já no ano seguinte publicou *Face imóvel* e em 1946, *Poesias*.

Na década de 1960 foi para Campo Grande (MS) e lá passou a viver como fazendeiro. Manoel consagrou-se como poeta nas décadas de 1980 e 1990, quando Millôr Fernandes publicava suas poesias nos maiores jornais do país.

Manoel é normalmente classificado na Geração de 45 da literatura. Trabalha bastante com a temática da natureza, mais especificamente, o Pantanal. Mistura estilos e aborda o tema regional com originalidade.

Outros livros do autor são: *Compêndio para uso dos pássaros*, de 1961, *Gramática expositiva do chão*, de 1969, *Matéria de poesia*, de 1974, *O guardador de águas*, de 1989, *Retrato do artista quando coisa*, de 1998, *O fazedor de amanhecer*, de 2001, entre outros.

Alguns dos prêmios que o autor recebeu: Prêmio Orlando Dantas, em 1960, Prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal, em 1969, Prêmio Nestlé, em 1997, e Prêmio Cecília Meireles (literatura/poesia), em 1998.

Manoel de Barros. *Pensador*. Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/autor/manoel_de_barros/biografia/>. Acesso em: 24 maio 2012.

a) Selecione do texto três informações que você julga importantes sobre a vida de Manoel de Barros. Justifique sua escolha.

b) Reconstrua a seguir o percurso de vida de Manoel de Barros, começando no ano de nascimento do autor e respeitando a cronologia – apresentação de datas e fatos na ordem em que ocorreram. Complete indicando as demais datas e os acontecimentos importantes da vida desse escritor.

- 1916: ______
- Ainda novo: ______
- Mais tarde: ______
- 1937: ______
- 1941: ______
- 1942: ______
- ______
- ______
- ______
- ______

c) Repare que o autor da biografia escreve: "[...] captou em cada um dos lugares por onde passava um pouco da essência da liberdade, que aplicaria em suas poesias"; "Mistura estilos e aborda o tema regional com originalidade". Esses trechos nos fornecem informações objetivas ou refletem pontos de vista de quem compôs a biografia?

______

______

______

4. Agora, compare o texto *Autorretrato*, escrito por Manoel de Barros, com o texto *Manoel de Barros*, escrito por um biógrafo, e responda às questões a seguir:

a) Qual dos dois textos revela aspectos mais pessoais de Manoel de Barros? Justifique sua resposta.

______

______

______

b) Qual parece ser o objetivo de cada um desses textos?

c) Onde você acha que cada um desses textos pode ter sido publicado? Por quê?

Você estudou

Nesta Unidade, você viu quanto é importante contar a própria história. Aprendeu o que é uma autobiografia. Também estudou expressões que indicam tempo, usos dos sinais de pontuação e outros gêneros – a biografia e o autorretrato.

Pense sobre

Algumas biografias publicadas recentemente tiveram sua comercialização proibida pelos biografados ou por seus familiares. Você tem ideia de por que isso aconteceu?

Unidade 2

Recordações em todo canto

E cada instante é diferente, e cada
homem é diferente, e somos todos iguais.
No mesmo ventre o escuro inicial, na mesma terra
o silêncio global, mas não seja logo.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Os últimos dias. In: ________. *A Rosa do Povo*. São Paulo: Companhia das Letras. Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond. <http:// www.carlosdrummond.com.br>.

Nesta Unidade, você vai continuar a trabalhar com o texto biográfico e aprender a reconhecer palavras e expressões que demonstram a visão do biógrafo – o autor da biografia – em relação à pessoa biografada. Depois você aprofundará seus conhecimentos sobre o currículo, um documento apresentado ao possível empregador por quem procura emprego.

Para iniciar...

Converse sobre as seguintes questões com os colegas e o professor.

- O que você já sabe sobre biografia?
- O que não pode faltar em uma biografia?
- Você já teve a oportunidade de ler outras biografias além da que leu na Unidade 1? Quais?
- Como você contaria a história de outra pessoa?
- Quais recursos você utilizaria para pesquisar informações interessantes a serem contadas?
- Você acha que um biógrafo deve ser cuidadoso ao escrever sobre a vida da pessoa biografada? Por quê?

Biografia: escrevendo sobre a vida do outro

Você vai aprender agora a contar a história de outra pessoa, ou seja, a escrever biografias.

Com as próximas atividades, você poderá reunir e selecionar informações sobre um colega e escrever a biografia dele. Você vai ter de cumprir dois papéis: em um momento, será o biógrafo e, em outro, o biografado.

Você sabia que a biografia deve ser escrita por alguém que fala de outra pessoa?
Enquanto a autobiografia, na maioria das vezes, é escrita em 1ª pessoa (eu), a biografia é escrita por alguém que fala de uma 3ª pessoa, o biografado (ele ou ela), que não é aquele que escreve.

Atividade 1 ▪ Colhendo matéria-prima

1. Em uma folha avulsa, responda às perguntas da entrevista a seguir.

Data:

- Qual é o seu nome completo?
- Que idade você tem?
- Qual é a sua altura?
- Quanto você pesa?
- Onde e quando você nasceu?
- Qual é o seu signo?
- Quem são e como se chamam as pessoas que moram com você?
- Qual é o seu endereço?
- Já morou em muitos lugares? Onde você morou? Quando?
- Descreva um pouco suas vivências escolares. Onde você já estudou? Quando foi isso? De que disciplina mais gosta? Por quê?
- Qual é a sua ocupação?
- Que motivos levaram você a escolher essa ocupação?
- Quando você começou a trabalhar nessa área?
- Você já trabalhou em outros lugares? Quais? Quando foi isso?
- Que atividades você costuma fazer nas horas livres?
- O que você mais gosta de fazer?
- O que você acha que sabe fazer muito bem? Quando aprendeu isso? Com quem aprendeu?
- O que você tem dificuldade de fazer? Qual é a razão dessa dificuldade?
- O que você ainda gostaria de aprender?
- Qual foi o fato mais marcante que você já viveu? Quando foi isso? O que você aprendeu com esse fato?
- Qual é a sua cor predileta?
- Qual é a sua comida favorita?
- Que bebida você prefere?
- Quais são os programas de TV de que você mais gosta?
- Que tipo de música você prefere?
- Quais foram os livros que mais gostou de ler? Por quê?
- Gosta de esporte? Pratica algum? Qual é o seu time do coração?
- O que pensa da política?
- Quais são as coisas que mais irritam você?
- Qual é a frase que você mais gosta de falar?
- Quais são seus planos ou projetos para o futuro?
- Cite uma pessoa marcante em sua infância.
- Cite uma pessoa marcante em sua vida adulta.

2. Terminada a tarefa, forme dupla com um colega. Entregue a ele a folha em que anotou as respostas, para leitura e necessários esclarecimentos. Conversem sobre tudo o que escreveram. Se for o caso, façam um ao outro novas perguntas, mas não deixem de fazer novas anotações. Guarde com você a folha com as respostas do colega. Esse é um dos documentos que você vai consultar para elaborar a biografia dele.

3. Para pesquisar e saber mais sobre o colega, leia a autobiografia escrita por ele na Unidade 1, selecione e anote em seu caderno informações novas, que não apareceram nas respostas que ele escreveu. A autobiografia será mais um documento de pesquisa, para que você possa escrever a biografia do colega.

4. Se possível, na próxima aula, traga outros documentos que poderão ajudar o colega a escrever sua biografia. Pode ser a cópia de alguma certidão, alguma carta pessoal que marcou sua história, fotos de acontecimentos importantes e tudo o mais que você considerar útil fornecer a seu biógrafo.

Atividade 2 ▪ Produção de texto biográfico

Depois de ter pesquisado sobre a vida do colega, a tarefa agora é escrever a biografia dele.

Para escrevê-la, retome todo o material coletado na Atividade 1 (as respostas da entrevista, as novas anotações que você fez, a autobiografia do colega e outros documentos que ele forneceu a você). Faça uma seleção das informações que você considera mais importantes e escreva a biografia de seu entrevistado.

Organize a biografia ordenando e enfatizando episódios e qualidades que identifiquem bem o colega. De modo geral, as biografias constroem a trajetória de vida de alguém, focalizando aspectos centrais da infância, da adolescência e da vida adulta dessa pessoa.

Muita gente gosta de ler biografias, porque conhecer a vida do outro é também uma maneira de conhecer aspectos históricos e sociais de uma certa época. Por isso, há muita semelhança entre a biografia e os relatos históricos.

Ao longo desta Unidade, você continuará trabalhando no texto que escreveu. Depois que todas as biografias forem revisadas e ficarem

prontas, elas serão reunidas e editadas para compor um dossiê com as histórias pessoais de cada estudante da turma. Por isso é necessário realizar as leituras e o trabalho de revisão textual.

Escreva a biografia em uma folha à parte e, quando terminar, entregue-a ao professor.

Atividade 3 ■ Conhecendo uma bonequeira

1. A seguir você vai ler o texto *A grande bonequeira do Vale do Jequitinhonha*. Antes disso, considere:

   a) Em geral, o título de um texto procura indicar o assunto tratado e dar uma ideia do que vai ser lido? Por quê?

   ____

   ____

   b) O que você espera encontrar em um texto intitulado *A grande bonequeira do Vale do Jequitinhonha*?

   ____

   ____

   ____

2. Agora, leia o texto e responda aos exercícios propostos.

A grande bonequeira do Vale do Jequitinhonha

Izabel Mendes da Cunha nasceu no dia 3 de agosto de 1924, na zona rural de Porto Volantes, atual distrito de Santana do Araçuaí (MG).

Quando era pequena, e a sua cidade não era conhecida por ninguém, Izabel aprendeu a cerâmica com a mãe. Mas, não contente em fazer panelas e outras peças utilitárias, a menina começou a fazer bonecas para brincar. Sua enorme vontade de brincar de bonecas tornou-a uma grande especialista em moldar as formas femininas em barro.

Mais velha, tomou a rodovia Rio-Bahia e foi tentar vender suas primeiras peças, o que conseguiu fazer depois de muito esforço. Não demorou muito para que o mundo começasse a reconhecer o seu valor. Tornou-se uma artista renomada internacionalmente, mas não abandonou sua cidade natal, onde atualmente se vê, na praça central, uma estátua da artista.

Izabel Mendes da Cunha ajudou a colocar a cidade no mapa de lugares obrigatórios do Vale do Jequitinhonha e também desencadeou um processo artístico pelo qual vários artesãos despontaram.

SANTOS, José. *Memórias de brasileiros*: uma história em todo canto. São Paulo: Peirópolis; Museu da Pessoa, 2008, p. 125.

a) O texto é formado por quatro parágrafos. Que informações aparecem no primeiro parágrafo?

b) A produção do texto seguiu uma linha cronológica? Justifique sua resposta.

c) Na visão do autor da biografia, quais são os dois principais feitos de Izabel Mendes da Cunha?

d) Releia o último parágrafo. Nele aparece algum fato vivido por Izabel? Descreva-o. O biógrafo faz alguma conclusão? Qual?

Atividade 4 ▪ Datas importantes em uma história de vida

1. Em uma folha à parte, escreva cinco datas marcantes em sua vida e os fatos a elas correspondentes, respeitando a ordem cronológica. Entregue a folha ao colega que escreveu sua biografia, para que ele tenha mais um documento em mãos na hora de elaborar a versão final do texto.

2. Converse com o colega que você entrevistou sobre as datas importantes da vida de vocês. Com base nessa conversa, complemente as informações que ele escreveu na entrevista inicial.

Atividade 5 ▪ Biógrafo e biografado

1. Leia a biografia de Dorival Caymmi. Repare que algumas palavras estão destacadas no texto e tente descobrir a razão pela qual receberam destaque. Escreva em seu caderno o que você descobriu.

Dorival Caymmi (1914–2008)

(Compositor, músico e cantor brasileiro)

© Homero Sergio/Folhapress

Dorival Caymmi é uma das **principais** figuras da música popular brasileira. **Presenteou** o samba com os hábitos, as tradições e os costumes do povo e a paisagem baiana.

Nascido à beira-mar, em Salvador, aprendeu a tocar violão sozinho. Bebendo na **riquíssima** fonte da música negra, desenvolveu um estilo **pessoal** de cantar e compor, marcado pela **espontaneidade** nos versos, pela **riqueza melódica** e pelo **tom dengoso** e **sensual**.

Em 1938, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se apresentou na Rádio Tupi, cantando o samba *O que é que a baiana tem?*, interpretado mais tarde por Carmem Miranda, no filme *Banana da terra* (1938).

É **sobretudo notável** nas músicas em que canta a tragédia dos pescadores e negros dos cais da Bahia: *O mar, História de pescadores, A jangada voltou só, Canoeiro, Pescaria, É doce morrer no mar*, entre outras. Escreveu: “Os negros e mulatos que têm suas vidas amarradas ao mar têm sido a minha mais permanente inspiração. Não sei de drama mais poderoso que o das mulheres que esperam a volta, sempre incerta, dos maridos que partem todas as manhãs para o mar no bojo dos leves saveiros ou das milagrosas jangadas. E não sei de lendas mais belas que as da Rainha do Mar, a Inaeê dos negros baianos”.

Como **grande** poeta da vida **popular** que é, compôs outras obras **inigualáveis**: *Marina, Modinha para Gabriela, Maracangalha, Saudade de Itapuã, O dengo que a nega tem, Rosa Morena*.

Pai de três filhos, a cantora Nana e os cantores, instrumentistas e compositores Dori e Danilo, Caymmi costumava reunir a família em seus shows.

(ênfases adicionadas)

Dorival Caymmi. Compositor, músico e cantor brasileiro. *UOL Educação*. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/biografias/klick/0,5387,248-biografia-9,00.jhtm>. Acesso em: 24 maio 2012.

a) As palavras destacadas dão pistas da visão que o biógrafo tem da pessoa biografada. Essa afirmação está de acordo com o que você escreveu em seu caderno sobre as palavras destacadas? Justifique sua resposta.

b) Releia o texto, observando as palavras destacas e grife as que forem **adjetivos**.

c) Tendo em vista os significados das palavras destacadas, é possível concluir que, na visão do biógrafo, Dorival Caymmi foi um músico importante? Por quê?

Adjetivo

É a palavra variável em gênero, número e grau que dá uma característica ao substantivo, indicando-lhe qualidade, defeito, estado, modo de ser ou aspecto.

2. Numere os parágrafos do texto e depois indique a ideia que você considera mais importante em cada um deles.

1º parágrafo: ______

2º parágrafo: ______

3º parágrafo: ______

4º parágrafo: ______

5º parágrafo: ______

6º parágrafo: ______

3. Em geral, uma biografia traz muitas informações relacionadas à vida pública da pessoa descrita. Releia a biografia de Dorival Caymmi e sublinhe, com canetas de cores diferentes, as informações sobre a vida profissional e os dados sobre a vida pessoal do músico baiano. No texto, esses aspectos são abordados da mesma maneira e com a mesma frequência? Justifique.

4. No início do texto, o autor escreve que "Dorival Caymmi **é** uma das principais figuras da música popular brasileira". No final do texto, conclui: "Caymmi **costumava** reunir a família em seus shows". Por que, no começo do texto, o verbo "ser" está no presente e, no desfecho, o verbo "costumar" está no passado?

5. Repare que na biografia de Dorival Caymmi há um trecho entre aspas.

   a) Por que elas foram usadas? Para ajudá-lo na resposta, analise também a presença do verbo "escrever", que vem antes do trecho entre aspas.

   b) Em sua opinião, por que o biógrafo resolveu incluir esse trecho entre aspas? Você acha que a presença desse recurso em uma biografia é interessante? Por quê?

Atividade 6 ■ Os verbos e as vozes na biografia

1. Observe e compare os trechos da biografia de Caymmi:

   - "Em 1938, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se apresentou na Rádio Tupi [...]."
   - "Caymmi costumava reunir a família em seus shows."

   Circule os verbos que aparecem em cada trecho e indique quais exprimem um fato já concluído no tempo e qual exprime algo que o músico tinha hábito de fazer.

2. Use o quadro a seguir como modelo e aponte em seu caderno quais partes do texto podem ser consideradas informações sobre a pessoa biografada e quais constituem opiniões do autor da biografia.

Informações	Opiniões do autor

3. Retome a entrevista e a autobiografia escritas pelo colega e destaque as frases que você julga possíveis de serem acrescentadas à biografia dele. Faça as alterações necessárias, lembrando-se de usar verbos como "escreveu", "informou", "esclareceu", "comunicou" etc., a fim de deixar claro para o leitor que o texto seguinte reproduz uma declaração do biografado.

Atividade 7 ■ Revisando a escrita

Depois das leituras e análises dos textos biográficos, é hora de revisar a biografia que você escreveu do colega. Agora você poderá rever e ajustar a primeira versão do texto, ou seja, torná-lo mais bem escrito.

Como foi dito no início desta Unidade, terminada a revisão, todas as biografias serão reunidas para formar um dossiê com as histórias de vida de cada estudante.

Para ajudá-lo nesta tarefa, seguem alguns passos importantes:

1. Retome a primeira versão de seu texto, que foi parcialmente corrigida pelo professor. Verifique se há um título. Caso não haja, crie um.

2. Verifique se os parágrafos da biografia que você escreveu estão bem organizados, se concentram uma ideia principal e se seguem a ordem cronológica dos fatos marcantes descritos pelo colega. Caso os parágrafos não estejam devidamente organizados, você poderá reordená-los, registrando a nova ordem em que devem aparecer, a fim de dar mais sentido ao texto.

3. Observe também se a primeira versão do texto reflete seu ponto de vista acerca do biografado. Repare no uso que você fez dos adjetivos. Caso seja necessário, faça acréscimos ou exclusões.

4. Veja em que trechos do seu texto você pode escrever alguma declaração marcante da pessoa biografada. Não se esqueça de usar as aspas.

5. Repare se o nome do biografado aparece muitas vezes. Caso apareça, substitua por expressões como "essa pessoa + um adjetivo", "essa personalidade + um adjetivo" etc. ou, em alguns casos, simplesmente oculte o nome. Por exemplo: "essa pessoa extraordinária", "essa pessoa admirável", "essa personalidade incrível", "essa personalidade única". Para ocultar o nome: "Fulano é muito respeitador e não gosta de exageros"; veja que em "não gosta de exageros" não foi preciso repetir o nome "Fulano".

6. Por fim, passe tudo a limpo, usando apenas a parte da frente das folhas.

Currículo: percurso de vida profissional

Vamos continuar tratando de percursos de vida.

Você vai trabalhar agora com um documento muito importante na seleção de candidatos que desejam obter vagas em cursos ou empregos: o currículo. Mesmo que você já tenha alguma vez estudado como preparar um documento desse tipo, nunca é demais fazer novas reflexões e conhecer maneiras diferentes de organizá-lo.

Em um currículo, além das informações profissionais, devem-se considerar aspectos intelectuais, pessoais e sociais. Sempre há o que aprimorar na reflexão sobre os processos de desenvolvimento pessoal e profissional, considerando os desafios do mundo do trabalho. A seguir, vamos conversar sobre currículo, descrevê-lo e aprender a organizá-lo da melhor maneira possível, de acordo com seus interesses.

Atividade 8 ▪ Conversa sobre currículos

1. Em grupo, relembrem o que vocês já sabem sobre currículo e escrevam as principais conclusões a que chegaram. Depois, exponham para a turma o que vocês discutiram.

2. Um currículo reúne informações pessoais, dados de formação escolar e experiências profissionais. Neste momento, qual desses três aspectos você considera o mais importante em seu currículo? Por quê?

3. Em sua opinião, quais qualidades deveriam ser mais valorizadas em um profissional? Por quê?

Atividade 9 ▪ Organizando as informações de um currículo

1. Imagine o seguinte anúncio de jornal.

Balconista

4 vagas, 1º grau inc., exp. não exigida, sal. a combinar, enviar CV, local SP ZO–Pinheiros

Agora, imagine que um jovem que desejava trabalhar como balconista enviou o seguinte currículo, em resposta ao anúncio:

Carlos José de Alcântara

Rua Borges Lafaiete, 323 – Vila Sônia, São Paulo – SP

cja@meuemail.com – Tel. Res.: (11) 5555-5555 – Celular: 9999-9999

Tenho 26 anos, estou solteiro. Sou estudante do Ensino Fundamental de EJA e desejo trabalhar como vendedor. Não tenho experiência nessa área com registro em carteira, mas já participei de eventos como auxiliar de vendas. Gosto de computadores e sei usar programas editores de texto e fazer planilhas. Sou muito comunicativo e tenho muitas habilidades para lidar com pessoas. Nos fins de semana, participo de um grupo de teatro. No ano passado, comecei a estudar inglês no colégio. Em 2010, trabalhei como vendedor no bazar organizado pela ONG que atua no meu bairro. Gosto de trabalhar em equipe e tenho facilidade para aceitar ideias novas. Uso frequentemente a internet. Fui vendedor temporário na loja Esporte Total, em dezembro de 2009. Fiz curso de dinâmica de grupo no Centro de Capacitação para o Primeiro Emprego, em meu bairro. Participo de todas as atividades oferecidas pela Associação Comunitária de Moradores da Zona Oeste.

2. Você reparou que esse currículo está todo desorganizado? Sua tarefa é tentar organizar as informações fornecidas, observando as categorias que aparecem no quadro a seguir.

   Para facilitar, você pode usar canetas de cores diferentes para marcar, no texto, as informações relacionadas a cada categoria.

Carlos José de Alcântara
26 anos, solteiro
Rua Borges Lafaiete, 323, Vila Sônia – São Paulo – SP
cja@meuemail.com – Tel. Res.: (11) 5555-5555 – Celular: 9999-9999

Objetivo

Formação

Qualificações

Experiência

Atividades complementares

Outras informações

3. Se o gerente de alguma loja estivesse analisando informações sobre vendedores interessados em ocupar uma vaga de trabalho, um currículo bem organizado facilitaria o trabalho desse gerente? Por quê?

Atividade 10 ▪ No lugar do empregador

1. Leia o currículo a seguir.

Paula Soares
23 anos, solteira
Rua Galvão Mascarenhas, 139, Jardim Tremembé, São Paulo – SP
E-mail: psoares@meuemail.com – Celular: 7777-7777

Objetivo

Vendedora

Formação

- Curso Técnico em Logística – em andamento.
- Ensino Médio completo.

Qualificações

- Habilidade com pessoas. Facilidade para mudanças, trabalho em equipe e aceitação de novas ideias. Dinamismo. Iniciativa e espírito de liderança.
- Conhecimentos de editores de texto, planilhas e internet.
- Conhecimento básico de espanhol.

Cursos adicionais

- 2010 – Curso de Qualificação Profissional (Centro de Capacitação para o Primeiro Emprego).
- 2010 – Trabalho em equipe (Empresa Ett).
- 2010 – *Telemarketing* (Empresa Fone Fácil).
- 2009 – Técnica de Vendas (Centro de Capacitação para o Primeiro Emprego).
- 2009 – Informática Básica (Colégio Pinheiro Arruda).
- 2008 – Inglês (Colégio João de Sá).

Experiência

- ***Grupo Eventos – São Paulo – SP***
  Janeiro/2010 – atual
  Estagiária na área de vendas
  Responsável pela confecção dos relatórios de vendas. Vendedora por *telemarketing*.
  Voluntária
  Auxiliar na organização dos materiais doados para distribuição entre pessoas necessitadas.
- ***Colégio João de Sá – São Paulo – SP***
  Março/2008 – Novembro/2008
  Tesoureira
  Responsável por toda entrada e saída de dinheiro do Centro Acadêmico.

a) Considerando que o objetivo de Paula é ser vendedora, qual a sua opinião sobre a vida profissional dela? Justifique sua resposta, utilizando informações apresentadas no currículo.

b) Você acha que Paula também poderia candidatar-se à vaga de balconista divulgada no anúncio reproduzido na Atividade 9? Justifique.

c) Se Paula fosse candidata ao emprego anunciado na Atividade 9, assim como Carlos José, quem você acha que deveria ser contratado? Por quê?

2. Qual sua opinião sobre dividir o currículo em algumas seções com diferentes conteúdos, como fez Paula? Justifique a resposta.

Atividade 11 ▪ Revisando o currículo

1. Caso tenha preparado seu currículo no 6º ano, na disciplina Trabalho, você pode complementá-lo com novas informações que considerar necessárias. Reorganize-o utilizando as seções que aparecem no quadro da Atividade 9.

   Se você ainda não tiver preparado um currículo, isso será feito agora, com base no que aprendeu.

2. Em dupla, faça a revisão dos currículos observando a pontuação e atentando para as convenções ortográficas. Na dúvida, consulte o professor ou um dicionário.

3. O que pode ser feito para enriquecer seu currículo?

Se tiver oportunidade, ajude alguém de sua família ou algum amigo a preparar um currículo. Utilize o modelo apresentado nesta Unidade e não se esqueça de que o currículo não é apenas um registro de cursos, experiências e atividades profissionais. Também é importante que nele sejam informadas experiências culturais e sociais.

Fica a dica

Em hipótese alguma entregue um currículo escrito à mão. Procure sempre digitá-lo.

Você estudou

Nesta Unidade, você aprendeu que, para escrever uma biografia, é preciso reunir, ler e analisar documentos sobre a pessoa biografada. Aprendeu ainda a organizar o texto biográfico, combinando dados da vida profissional e da vida pessoal do biografado. Refletiu sobre o uso dos adjetivos. Retomou o trabalho com currículo, iniciado no 6º ano, e conheceu uma maneira diferente de organizá-lo.

Pense sobre

Discutam em grupo as questões a seguir.

Quais desafios os estudantes da EJA enfrentam no atual mundo do trabalho?

Hoje em dia, ter uma boa formação escolar conta na hora de procurar um emprego?

Unidade

Escrever e reescrever: encontro entre autor e leitor

> Ensinar gramática é ensinar a língua em toda sua variedade de usos, e ensinar regras é ensinar o domínio do uso.
>
> POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 1996, p. 86.

O sentido de um texto escrito, a sensação de clareza e compreensibilidade, é construído a partir de um conjunto de fatores que passam pelo conhecimento da língua – mais propriamente dos padrões de escrita –, pelo conhecimento do mundo e pelo contexto social, histórico ou cultural em que o texto é produzido e recebido.

A modalidade escrita da língua tem padrões mais rígidos que a oral, porque, quando uma pessoa escreve, está distante de seus leitores "no tempo e no espaço". Por isso, os parágrafos, os sinais de pontuação e as regras ortográficas necessitam ser bem usados, para que as pessoas possam compreender os textos escritos.

O objetivo desta Unidade é propor situações que o ajudem a dominar os padrões de escrita – ou seja, os conteúdos relacionados a pontuação e ortografia – como forma de escrever melhor o que você, como autor de seu texto, quer transmitir para quem o lê.

Para iniciar...

Converse com os colegas e o professor.

- Em sua opinião, por que os sinais de pontuação são usados nos textos escritos?
- Quais sinais de pontuação você conhece?

Usos dos sinais de pontuação

Os sinais de pontuação são usados por três razões fundamentais: uma razão entonacional, uma razão lógica e uma razão expressiva.

A razão entonacional tem a ver com a melodia textual. Os sinais de pontuação indicam pausas e mudanças no texto, sinalizando ao leitor a hora de mudar a entonação da leitura. A razão lógica tem a

ver com a ordem como as ideias vão sendo colocadas. Dependendo da maneira como o texto é escrito, os sinais de pontuação podem esclarecer o leitor sobre algum termo desconhecido, tornando o texto mais claro e preciso. A razão expressiva tem a ver com a sinalização de uma intenção ou estado emotivo. Dependendo da forma como usamos os sinais de pontuação, indicamos ao leitor os trechos em que o texto carrega alguma emoção.

Há muitas regras que regulam o uso dos sinais de pontuação. Não adiantaria listá-las todas aqui, pois há muitas variantes em função dos diversos usos dos sinais. O melhor a fazer é ver como os sinais aparecem nos textos, descobrir a lógica por trás de seu uso e, claro, aplicá-los nos textos que escrevemos.

Atividade 1 ▪ Uso do ponto: a pausa máxima

1. Leia o parágrafo a seguir:

> José tinha 14 anos quando desembarcou de um "pau de arara" com sua família, no início dos anos 1960, em São Paulo. Sua trajetória foi semelhante à de tantos outros brasileiros que vieram para o Sul atrás de trabalho. E o encontraram rapidamente.

MATTOSO, Jorge. *Brasil desempregado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999, p. 5.

Trabalho
6º ano – Unidade 3

a) Você achou esse parágrafo fácil de entender? As ideias expostas, em sua opinião, estão claras e bem organizadas? Você saberia dizer por quê?

____

____

b) Observe o uso do ponto. Em sua opinião, para que esse sinal é usado nos textos escritos?

____

____

c) Repare ainda em outra marca textual importante: como aparece a letra inicial da palavra que vem logo após o ponto? O que isso pode significar?

____

____

Frase

"Frase é uma construção que encerra um sentido completo, podendo ser formada por uma ou mais palavras, com verbo ou sem ele, ou por uma ou mais orações; pode ser afirmativa, negativa, interrogativa, exclamativa ou imperativa, o que, na fala, é expresso por entonação típica e, na escrita, pelos sinais de pontuação."

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

Em um parágrafo, as ideias devem estar relacionadas e manter sentidos entre si. Note que, no parágrafo citado, a segunda **frase** começa com o termo "Sua", referindo-se à trajetória de José, e a palavra "o" da terceira

frase substitui “trabalho”, que aparece na segunda. Ao final da cada frase, há um sinal: o **ponto** [.]. O uso dos sinais de pontuação contribui de forma decisiva para garantir a compreensão do texto pelo leitor.

O ponto é um dos sinais que usamos no texto escrito para marcar o fim das frases. Observe, no parágrafo analisado, as três vezes em que ele aparece. A primeira frase trata especificamente de José. A segunda informa que a trajetória dele é semelhante à de muitos brasileiros migrantes. A terceira informa que os migrantes que chegaram a São Paulo no início dos anos 1960 encontraram trabalho rapidamente. Cada frase apresenta uma declaração completa e foi delimitada por um ponto.

2. Nos parágrafos a seguir, não aparecem pontos [.] e as frases não começam com letra maiúscula. Sua tarefa é escolher os lugares onde se deve colocar pontos e sublinhar as letras que deveriam ser maiúsculas.

a) “João Martins de Ataíde nasceu em Cachoeira de Cebolas, povoado de Ingá do Bacamarte, Paraíba, em 23 de junho de 1880 devido à seca de 1898, migrou para Pernambuco, radicando-se no Recife faleceu em Limoeiro (PE), em 1959”

BENJAMIN, Roberto. *João Martins de Ataíde*. Cordel: literatura popular em verso. Casa de Rui Barbosa. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/JoaoMartins/joaoMartinsdeAtaide_biografia.html>. Acesso em 24 maio 2012.

b) “alguns estudiosos já afirmaram que todas as histórias da tradição oral tiveram seu berço na África, mãe de toda a humanidade homens e histórias teriam nascido ao mesmo tempo contudo ninguém sabe dizer exatamente o que se passou no início dos tempos”

PAMPLONA, Rosane; MAGALHÃES, Sônia. *O homem que contava histórias*. São Paulo: Brinque-Book, 2005, p. 64.

c) “venho de uma família de 12 irmãos nascemos e fomos criados na fazenda Teixeira, em Conde meu pai era praticamente analfabeto, mas tinha o sonho de que os filhos dele pudessem reverter a história, que não fossem analfabetos e pudessem se formar e ele investiu seriamente nisso”

SANTOS, José. *Memórias de brasileiros*: uma história em todo canto. São Paulo: Peirópolis; Museu da Pessoa, 2008, p. 85.

d) “somos condicionados, pela cultura utilitária que nos rodeia e sufoca, a acreditar que tudo tem uma função trata-se de uma crença equivocada e desumana as coisas mais importantes da vida costumam ser justamente aquelas sobre as quais não cabe falar em função qual a função da amizade? qual a função do sublime? qual a função da saudade? qual a função da vida?”

AZEVEDO, Ricardo. Qual a função da literatura. *Carta na Escola*, n. 14 mar. 2007, p. 66.

3. Na biografia a seguir, por um descuido de edição, o texto foi reproduzido em letras maiúsculas e os pontos que separam os parágrafos foram retirados. Com base no que você aprendeu até aqui, coloque os pontos que estão faltando e assinale onde devem ser abertos novos parágrafos. Uma dica: são dez parágrafos.

Clarice Lispector

(1920-1977)

CLARICE LISPECTOR NASCEU NA UCRÂNIA, MAS SEUS PAIS IMIGRARAM PARA O BRASIL POUCO DEPOIS. CHEGOU A MACEIÓ COM DOIS MESES DE IDADE, COM SEUS PAIS E DUAS IRMÃS. EM 1924 A FAMÍLIA MUDOU-SE PARA O RECIFE, E CLARICE PASSOU A FREQUENTAR O GRUPO ESCOLAR JOÃO BARBALHO. AOS OITO ANOS, PERDEU A MÃE. TRÊS ANOS DEPOIS, TRANSFERIU-SE COM SEU PAI E SUAS IRMÃS PARA O RIO DE JANEIRO EM 1939 CLARICE LISPECTOR INGRESSOU NA FACULDADE DE DIREITO, FORMANDO-SE EM 1943. TRABALHOU COMO REDATORA PARA A AGÊNCIA NACIONAL E COMO JORNALISTA NO JORNAL *A NOITE*. CASOU-SE EM 1943 COM O DIPLOMATA MAURY GURGEL VALENTE, COM QUEM VIVERIA MUITOS ANOS FORA DO BRASIL. O CASAL TEVE DOIS FILHOS, PEDRO E PAULO, ESTE ÚLTIMO AFILHADO DO ESCRITOR ÉRICO VERÍSSIMO SEU PRIMEIRO ROMANCE FOI PUBLICADO EM 1944, *PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM*. NO ANO SEGUINTE A ESCRITORA GANHOU O PRÊMIO GRAÇA ARANHA, DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. DOIS ANOS DEPOIS PUBLICOU *O LUSTRE* EM 1954 SAIU A PRIMEIRA EDIÇÃO FRANCESA DE *PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM*, COM CAPA ILUSTRADA POR HENRI MATISSE. EM 1956, CLARICE LISPECTOR ESCREVEU O ROMANCE *A MAÇÃ NO ESCURO* E COMEÇOU A COLABORAR COM A REVISTA *SENHOR*, PUBLICANDO CONTOS SEPARADA DE SEU MARIDO, RADICOU-SE NO RIO DE JANEIRO. EM 1960 PUBLICOU SEU PRIMEIRO LIVRO DE CONTOS, *LAÇOS DE FAMÍLIA*, SEGUIDO DE A *LEGIÃO ESTRANGEIRA* E DE *A PAIXÃO SEGUNDO G. H.*, CONSIDERADO UM MARCO NA LITERATURA BRASILEIRA EM 1967 CLARICE LISPECTOR FERIU-SE GRAVEMENTE NUM INCÊNDIO EM SUA CASA, PROVOCADO POR UM CIGARRO. SUA CARREIRA LITERÁRIA PROSSEGUIU COM OS CONTOS INFANTIS DE *A MULHER QUE MATOU OS PEIXES*, *UMA APRENDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES* E *FELICIDADE CLANDESTINA* NOS ANOS 1970 CLARICE LISPECTOR AINDA PUBLICOU *ÁGUA VIVA*, *A IMITAÇÃO DA ROSA*, *VIA CRUCIS DO CORPO* E *ONDE ESTIVESTES DE NOITE*?. RECONHECIDA PELO PÚBLICO E PELA CRÍTICA, EM 1976 RECEBEU O PRÊMIO DA FUNDAÇÃO CULTURAL DO DISTRITO FEDERAL, PELO CONJUNTO DE SUA OBRA NO ANO SEGUINTE PUBLICOU *A HORA DA ESTRELA*, SEU ÚLTIMO ROMANCE, QUE FOI ADAPTADO PARA O CINEMA, EM 1985 CLARICE LISPECTOR MORREU DE CÂNCER, NA VÉSPERA DE SEU ANIVERSÁRIO DE 57 ANOS.

Clarice Lispector. *UOL Educação*. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/biografias/clarice-lispector.jhtm>. Acesso em: 24 maio 2012.

Veja a seguir outros sinais de pontuação que podem ser usados no final de frases:

- **Ponto de exclamação –** serve para enfatizar sentimentos de dor, alegria, admiração, espanto etc.

  Tudo isso aconteceu em plena madrugada!
- **Ponto de interrogação –** serve para indicar uma pergunta.

  Qual o motivo de tanta preocupação e insegurança?
- **Reticências –** indicam uma extensão do pensamento. As reticências sempre dão a entender que há um aspecto subentendido, algo que fica "no ar" e cuja interpretação fica a cargo do leitor.

  Ah, se eu escutasse o que mamãe dizia...

Atividade 2 ▪ Usos da vírgula

1. Forme dupla com um colega e observem os usos da vírgula no seguinte parágrafo:

> Todo fim de tarde, Antonio Marques chega à praia de Iracema, em Fortaleza, e arma sua barraca. Ali, num lugar de muito movimento junto a outros expositores, ele vende sandálias, cintos, bolsas, prendedores de cabelo, pulseiras, porta-retratos, molduras para espelho e caixinhas.

LIMA, Ricardo Gomes. *Artesanato e arte popular*: duas faces de uma mesma moeda? Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/Artesanato_e_Arte_Pop/CNFCP_Artesanato_Arte_Popular_Gomes_Lima.pdf>. Acesso em: 24 maio 2012.

Tendo em vista o que você observou em relação às vírgulas, grife com canetas de cores diferentes um trecho em que:

a) a vírgula separa uma expressão que indica tempo;
b) a vírgula separa um esclarecimento do autor do texto;
c) a vírgula separa uma lista de termos.

2. Com base no que você estudou na Unidade 1, faça os exercícios:

a) Reescreva duas vezes a frase "Todo fim de tarde, Antonio Marques chega à praia de Iracema, em Fortaleza, e arma sua barraca". Na primeira vez, a expressão que indica tempo deve aparecer no meio da frase; na segunda, deve aparecer no final da frase.

b) Em que casos a vírgula foi usada? Lembre-se de que, como foi visto na Unidade 1, em uma frase em ordem direta, o uso da vírgula é dispensável. Por exemplo: “o fato mais marcante de minha vida aconteceu na metade dos anos 1990”.

Veja a seguir alguns padrões no uso da vírgula quando o período é simples (há um verbo na frase):

1. Usa-se vírgula para isolar expressões explicativas que aparecem intercaladas.
   - A sua atitude, **isto é**, o seu comportamento na aula merece elogios.
   - Não haverá aula amanhã, **ou melhor**, depois de amanhã.
2. Usa-se vírgula quando conectivos – como “no entanto”, “porém”, “por isso”, “portanto” etc. – quebram a ordem direta da frase.
   - Sua atitude, **portanto**, acabou causando uma série de problemas.
   - O operário, **no entanto**, sabia lutar por seus direitos.
3. Usa-se vírgula para separar expressões que indicam tempo e espaço – chamadas expressões *adverbiais* – e que aparecem no início ou no meio da frase.
   - **Naquele dia**, o casal fez as pazes.
   - O casal, **naquele dia**, fez as pazes.

   Observação: No caso de advérbios curtos, pode-se dispensar a vírgula.
   - **Hoje** os ingressos serão distribuídos.
4. Quando um termo é deslocado de seu lugar original na frase, deve vir separado por vírgula.
   - **Estudioso**, meu amigo adora falar sobre tudo.
5. Usa-se vírgula para separar termos de uma enumeração ou lista.
   - Nos jornais, encontramos notícias, reportagens, editoriais, artigos de opinião, crônicas, textos publicitários e classificados.

3. Com um colega, considerem o que foi estudado até aqui e incluam as vírgulas que estão faltando nos dois parágrafos a seguir:

   a) Em nossa sociedade os estereótipos podem ser transmitidos pelos meios de comunicação de massa – jornais revistas rádio cinema e televisão – e pela internet também em textos ou imagens. Podem estar presentes nos livros didáticos nas revistas em quadrinhos anedotas e até em histórias infantis. Em geral os veículos de comunicação reforçam as expectativas que criamos em relação ao comportamento e às atitudes de pessoas e de profissionais que aparecem ao público. Por isso alimentam os estereótipos.

   b) Os livros as revistas o cinema a televisão transmitem as informações preparadas por outros ou seja mesmo as matérias informativas acabam transmitindo opiniões.

4. Com base nas informações do quadro apresentado, e também nos exercícios anteriores, justifique o uso das vírgulas nas frases:

   a) Na leitura de um texto escrito, o leitor precisa reconstruir em sua cabeça o contexto necessário à compreensão da obra, isto é, tem de se apoiar nas pistas do texto.

   b) Empregado doméstico, Pedro não anda nada satisfeito com o salário.

   c) "Pelo cair da tarde, prosa daqui, prosa dali, Malasartes acabou sendo convidado para o jantar. Deparou-se então com Pachecão, um velho muito fraquinho, de longas barbas brancas."

VIANNA, Sérgio. *Pedro Malasartes*: aventuras de um herói sem juízo. São Paulo: Resson, 1999, p. 50.

d) Para escrever bem, isto é, para colocar de forma organizada no papel, é preciso usar sinais de pontuação, fazer parágrafos, unir as frases e escrever o que o coração manda.

Atividade 3 ▪ Pontuação de diálogo

Você já ouviu a história de uma velhinha que diariamente passava de lambreta por uma fronteira, carregando caixas de objetos e pertences de todos os tipos? Como naquela fronteira era bastante comum a prática do contrabando, os guardas que trabalhavam ali eram especialistas em descobrir esconderijos e flagrar contrabandistas. Certos de que a velhinha realmente contrabandeava alguma coisa, costumavam pará-la para examinar suas caixas e pertences. Mas nunca encontraram nada que pudesse ser classificado como contrabando. Depois de muito tempo de pesquisa inútil, os guardas, que continuavam convencidos de que ela era contrabandista, resolveram perguntar o que afinal ela contrabandeava. Ela lhes respondeu: "Lambretas".

Essa história tem várias versões. Em uma das mais antigas, quem atravessava a fronteira era um tal de Nasrudin. Ele não passava em uma lambreta, mas montado em um burrico. Acontecia a mesma coisa: os guardas não contavam que ele fizesse contrabando de burros.

Não sabemos exatamente quem foi Nasrudin. Pode até ser que ele nunca tenha existido realmente, talvez seja só um personagem. O fato é que Nasrudin é o herói popular mais famoso da Turquia. Lá ele é chamado de *hoca*, que significa "sábio". Entre os árabes, ele é *mawla* (em português, escreve-se *mulá*), que significa "mestre".

O que importa é que suas histórias continuam sendo contadas até hoje em várias partes do mundo. Divirta-se com uma história do herói turco.

1. Nasrudin, em uma noite, estava agachado procurando algo. Um amigo aproximou-se e os dois conversaram. Quer saber o que eles disseram? Leia o texto da próxima página.

2. Após a leitura, identifique as falas dos personagens grifando os trechos com canetas coloridas.

A chave

Um dia, um amigo de Nasrudin o viu agachado, procurando algo. Já era noite e o amigo decidiu que iria ajudá-lo. Ele perguntou: Perdeu alguma coisa, Nasrudin? Sim, minha chave. O amigo imediatamente se agachou ao lado de Nasrudin para procurar a chave. Despois de algum tempo de procura vã, o amigo perguntou novamente: Você tem certeza de que perdeu a chave neste lugar? Nasrudin respondeu: Não, eu a perdi lá atrás... Mas, então, porque você a está procurando aqui? perguntou o amigo intrigado. É que aqui há mais luz.

3. Com a ajuda do professor, discutam qual a melhor maneira de pontuar esse diálogo. Ao final, transcreva abaixo o texto reescrito.

Atividade 4 ▪ Verbos de dizer

Você reparou que antes ou logo depois das falas aparecem alguns verbos que anunciam o que o personagem falou ou vai falar? Reparou também no sinal de dois-pontos, logo após esses verbos?

Verbos como "falar", "dizer", "perguntar", "responder", "gritar", "murmurar" etc. são usados frequentemente por narradores de histórias, para ajudar o leitor ou ouvinte a acompanhar o desenrolar dos fatos e saber quem fala no enredo e em que momento.

Preencha as lacunas com os verbos de dizer (também conhecidos como verbos de elocução). Verifique quando o sinal de dois-pontos é necessário.

Gramática

Uma vez, quando estava dirigindo uma balsa em águas turbulentas, Nasrudin cometeu um grave erro de gramática ao comentar algo. Um homem que estava na balsa ____________________:

— Nunca na sua vida você estudou gramática?

Nasrudin ______________________________:

— Não.

— Que pena! — ______________ o homem. — Você perdeu a metade de sua vida...

Alguns minutos depois, Nasrudin cometeu outro erro de gramática. Esse mesmo passageiro, mais nervoso, ____________________________:

— O senhor perdeu mais da metade de sua vida, porque não sabe gramática!

Passado um instante, dessa vez foi Nasrudin quem ___________________:

— O senhor, por acaso, sabe nadar?

— Não. Por quê? — _____________________________ o homem.

Nasrudin então ____:

— Nesse caso, o senhor perdeu toda a sua vida. Nós estamos afundando!

Atividade 5 ▪ Contando o que foi dito

Nas histórias, também é comum haver momentos em que o narrador conta com as próprias palavras o que o personagem disse. Compare os exemplos das duas colunas a seguir:

Falas do personagem	Narrador contando o que o personagem diz
— **Nesse** instante, **aprendo** as lições **deste** livro — comentou o estudante.	O estudante comentou que **naquele** instante **aprendia** as lições **daquele** livro.
— **Vi meu** romance **aqui**, em algum lugar — disse o rapaz.	O rapaz disse que **vira** o romance **dele ali**, em algum lugar.
O rapaz resmungou: — Não **farei essa** tarefa.	O rapaz resmungou que não **faria aquela** tarefa.
Leiam este livro! — sugeriu o professor.	O professor sugeriu que **lêssemos aquele** livro.

Após ler o diálogo a seguir, tome o lugar do narrador e conte o que os personagens disseram:

- O sujeito vai pedir aumento para o chefe:

— Acho melhor o senhor me promover! Tem muitas empresas me procurando...

— É mesmo? — pergunta o chefe, irônico — Quais são essas empresas?

— A empresa de eletricidade, a empresa de saneamento, a empresa de telefone e as maiores empresas de cobrança do país!

Disponível em: <http://forum.cifraclub.terra.com.br/forum/11/145334/>. Acesso em: 24 maio 2012.

Atividade 6 ▪ Exercitando a pontuação

1. Sobre o tema “trabalho”, escreva:

   a) um período que termine com ponto.

   b) um período que termine com ponto de interrogação.

   c) um período que termine com ponto de exclamação.

   d) um período que termine com reticências.

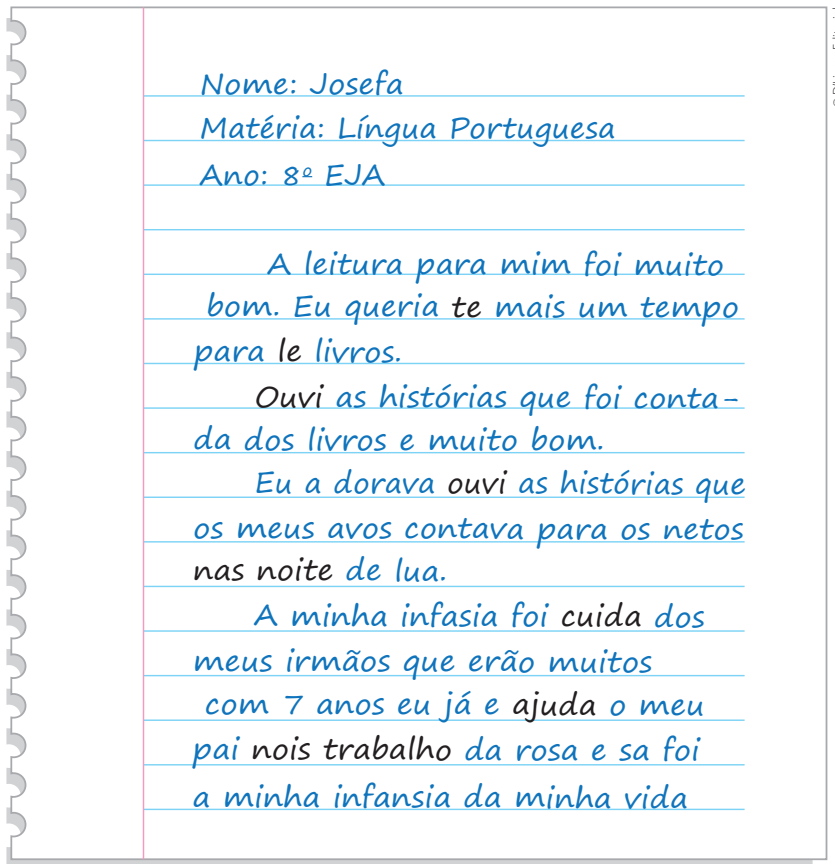
2. Compare o que você escreveu com o que os colegas elaboraram. Discutam as diferentes entonações que os sinais de pontuação dão aos textos.

3. Em seu caderno, reescreva o texto a seguir, pontuando-o adequadamente. Abra novos parágrafos quando necessário.

> quer esse menininho para o senhor pode levar aconteceu no Rio como acontecem tantas coisas o rapaz entrou no café da rua Luís de Camões e começou a oferecer o filho de seis meses em voz baixa ao pé do ouvido como esses vendedores clandestinos que nos propõem um relógio submersível com esta diferença era dado de presente uns não o levaram a sério outros não acharam interessante a doação que iriam fazer com aquela coisinha exigente boca aberta para mamar e devorar a escassa comida corpo a vestir pés a calçar e mais dentista e médico e farmácia e colégio e tudo o que custa um novo ser em dinheiro e aflição fique com ele é muito bonzinho não chora nem reclama não lhe cobro nada

ANDRADE, Carlos Drummond de. Caso de menino. In:_____. *Cadeira de Balanço*. São Paulo: Companhia das Letras. Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond. <http://www.carlosdrummond.com.br>.

4. Escreva, em seu caderno, um diálogo que você teve hoje com alguém. Pode ser uma conversa com uma pessoa da família ou um amigo de trabalho. Informe o leitor quando a conversa aconteceu e também onde e o que foi conversado.

Convenções ortográficas

Sabendo que toda convenção é um "acordo social" e que se deve escrever segundo uma convenção ortográfica, você estudará agora algumas regras de ortografia. A grafia das palavras da língua portuguesa segue uma regra. Desde 1990, há um acordo ortográfico assinado pelos países lusófonos (isto é, países cuja língua oficial é o português: Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Timor Leste). Esse acordo já está em vigor.

Se a maneira de grafar as palavras segue uma convenção, é preciso aprender regras preestabelecidas. Vale observar que, infelizmente, muitas vezes a competência textual é confundida com o domínio do sistema ortográfico, ou seja, o ato de escrever fica reduzido à capacidade de registrar as palavras de forma correta. A principal consequência dessa postura é o "medo de errar", que pode gerar verdadeiros bloqueios na hora de produzir um texto.

Diante disso, a seguir serão propostas algumas atividades que vão ajudá-lo a perceber que o estudo da grafia das palavras é mais um exercício de reflexão (e por isso prazeroso) do que de simples memorização.

Atividade 7 ▪ Revisão textual

1. Leia um relato escrito por uma estudante do 8º ano do Ensino Fundamental II – EJA.

Nome: Josefa
Matéria: Língua Portuguesa
Ano: 8º EJA

A leitura para mim foi muito bom. Eu queria **te** mais um tempo para **le** livros.
Ouvi as histórias que foi contada dos livros e muito bom.
Eu a dorava **ouvi** as histórias que os meus avos contava para os netos **nas noite** de lua.
A minha infasia foi **cuida** dos meus irmãos que erão muitos com 7 anos eu já e **ajuda** o meu pai **nois trabalho** da rosa e sa foi a minha infansia da minha vida

- Por que você acha que alguns termos no texto de Josefa estão destacados?

2. No quadro da próxima página, a primeira coluna apresenta a descrição de alguns erros ortográficos frequentes quando estamos aprendendo a escrever. Converse com seu professor e seus colegas sobre essas ocorrências. Analise os termos destacados no texto de Josefa, identifique que tipo de erro foi cometido e transcreva esses termos na segunda coluna. Depois, reescreva os termos na última coluna, usando a grafia correta.

Ocorrências	Transcrição do texto	Grafia correta, de acordo com as convenções
• Ausência de “r” em final de verbos no infinitivo.		
• Nem sempre é feita a concordância de termos no plural.		
• A vogal “o” é empregada no lugar do ditongo “ou” na terminação de verbos na 3ª pessoa do singular, no pretérito perfeito do modo indicativo.		
• Acréscimo de “i” em palavras terminadas com as letras “s” ou “z”.		

Atividade 8 ▪ Completar a letra da canção

Nesta Atividade você completará a letra da canção *Preciso me encontrar*, de Candeia, gravada por Cartola e, mais recentemente, pela cantora Marisa Monte.

1. Primeiro, ouça toda a canção, de preferência mais de uma vez (na gravação de Cartola). Durante as audições, com lápis na mão, complete a letra:

Preciso me encontrar

Candeia

Deixe-me ________
Preciso ________
Vou por aí a ________
Rir pra não ________ ...
Deixe-me ________
Preciso ________
Vou por aí a ________
Rir pra não ________ ...
Quero ________ ao sol ________
________ as águas dos rios ________
________ os pássaros ________ .
Eu quero ________
Quero ________ ...
Deixe-me ________
Preciso ________
Vou por aí a ________
________ pra não ________ ...
Se alguém por mim ________
Diga que eu só vou ________
Depois que me ________ ...
Quero ________ ao sol ________
________ as águas dos rios ________
________ os pássaros ________
Eu quero ________
Quero ________ ...
Deixe-me ________
Preciso ________
Vou por aí a ________
________ pra não ________ ...
Deixe-me ________
Preciso ________
Vou por aí a ________
________ pra não ________ ...

- Gostou da canção? Dizem que ela já salvou a vida de muita gente. Você se arriscaria a dizer por quê?

2. Agora confira a letra e veja se você a completou corretamente, grafando as palavras de acordo com as convenções ortográficas. Em seguida, responda às questões.

Preciso me encontrar

Candeia

Deixe-me ir
Preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar...
Deixe-me ir
Preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar...
Quero assistir ao sol nascer
Ver as águas dos rios correr
Ouvir os pássaros cantar
Eu quero nascer
Quero viver...
Deixe-me ir
Preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar...
Se alguém por mim **perguntar**
Diga que eu só vou voltar
Depois que me **encontrar**...
Quero assistir ao sol nascer
Ver as águas dos rios correr
Ouvir os pássaros cantar
Eu quero nascer
Quero viver...
Deixe-me ir
Preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar...
Deixe-me ir
Preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar...

a) Você reparou que todas as palavras escritas para completar a letra da canção têm algo em comum? O quê?

b) Notou que a pronúncia das palavras que você escreveu difere da maneira como são escritas? Qual é a diferença?

c) Considerando as convenções ortográficas, que cuidados precisamos tomar ao grafar as palavras escritas para completar a canção?

d) Você observou que, na letra da canção, há verbos que estão destacados? Apesar de terem a mesma terminação, alguns verbos aparecem no **modo infinitivo** e outros no **futuro do modo subjuntivo**. A qual dos dois casos pertencem os verbos destacados? Na dúvida, o quadro a seguir poderá dar alguma pista.

Os verbos que aparecem no **modo subjuntivo** apresentam o fato de modo incerto, impreciso, duvidoso. O futuro do modo subjuntivo é empregado em orações para indicar eventualidade, incerteza, possibilidade no futuro.

Você estudou

Nesta Unidade, você estudou alguns padrões de escrita, exercitando o uso do ponto e da vírgula. Também aprendeu a pontuar diálogos, usando travessões e verbos de dizer. Refletiu ainda sobre a grafia de algumas palavras que são pronunciadas de um jeito e escritas de outro.

Pense sobre

A estudante que fez o texto analisado na Atividade 7 não escreveu todas as palavras de acordo com os padrões de escrita; mas, como leitores, é possível entender o que ela diz sobre a leitura e sobre a infância que teve. Pode-se, então, afirmar que essa estudante tem o que dizer, não é mesmo?

Qual é a importância de ela aprender a escrever as palavras segundo os padrões da escrita?

Unidade

4 O maravilhamento das histórias

O conto é tão antigo quanto o homem.

INFANTE, Guillermo Cabrera. Uma história do conto. *Folha de S.Paulo*, 30 dez. 2001, Mais!, p. 5.

Nesta Unidade, você vai mergulhar no universo da ficção literária, conhecer os elementos que organizam e formam os contos, ver como os autores exploram esses elementos nos enredos que criam e escrevem, e encontrar – ou reencontrar – o prazer de escrever, contar e ler histórias. Você também escreverá um conto.

Para iniciar...

Converse com os colegas e o professor.

- Você gosta de ouvir, ler ou contar histórias? E de assistir às histórias contadas no cinema e na TV? Por quê? De que você gosta nas histórias?
- De que tipo de histórias você mais gosta? Tem alguma preferida?
- Você fica maravilhado, dominado por um tipo diferente de compreensão ou emoção após ouvir ou ler uma boa história? Conte como você se sente nesses casos.

Histórias em todos os tempos

Histórias foram e são criadas em todos os lugares, em todos os tempos. Há quem diga que o ato de contar histórias é tão antigo quanto a humanidade e inerente à existência humana. Desde os tempos das cavernas, o ser humano sentiu necessidade de contar as experiências significativas que vivenciou.

É por isso que cada vez que ouvimos ou lemos uma história antiga ou moderna, de nosso país ou de uma terra distante, temos a sensação de não estarmos sós, de estarmos trocando experiências, estabelecendo uma ligação com pessoas que vivem ao nosso redor ou que viveram muito antes de nós.

Pintura rupestre. *Caçadores com animais*. Planalto de Tassili N'ajjer, Sefar, Argélia.

Você sabia que há quem distinga estórias de histórias?

No *Dicionário do Folclore Brasileiro*, de Luís da Câmara Cascudo (São Paulo: Global, 2012), estória corresponde à palavra inglesa "*story*". A Sociedade Brasileira de Folclore, fundada em 30 de abril de 1941, sugere o uso da palavra *estória* para distinguir as narrativas ou contos tradicionais (textos fictícios, inventados) dos acontecimentos e fatos da realidade, estudados pela História. Hoje, entretanto, se usa a palavra "história" tanto para os acontecimentos históricos (reais) como para se referir às narrativas ficcionais. Ficção é sinônimo de imaginação ou invenção. As obras literárias – conto, novela, romance, tragédia, poema – são ficcionais.

Podemos conhecer as aventuras de um personagem que viveu, por exemplo, na China, na Índia, no centro do mundo; podemos nos aproximar de um passado longínquo ou do futuro; podemos vivenciar uma aventura nunca imaginada e sentir de perto luz, sombra, amor, ódio, desespero, esperança, esperteza, tolice, coragem, covardia, justiça, injustiça, beleza, feiura, alegria, tristeza – e tudo mais que compõe o retrato da vida humana.

Essas experiências extraordinárias das histórias são de imenso valor para a formação pessoal. Frequentemente, em nossa vida cotidiana, deixamos de perceber muitas coisas. Costumamos ligar o "piloto automático" e nos distanciar dos mistérios, dando pouca atenção ao fantástico e ao maravilhoso das histórias e do mundo que nos cerca.

Os contos e as culturas

Quando e como teriam nascido os contos? Como e por que alguns contos dos tempos mais antigos resistiram às transformações do mundo e continuam a ser contados? O que ocorre com um conto quando ele deixa de ser uma história oral e passa a ser um texto escrito?

Não há respostas exatas nem simples para essas questões. Graças à força da tradição oral – dos conhecimentos transmitidos de geração a geração, por meio da linguagem oral – e a inscrições antigas – em pedras, tábuas (de argila ou vegetal), papiros, pergaminhos, rolos,

folhas (avulsas ou presas por um dos lados) ou grossos livros manuscritos –, podemos recuperar textos contados ou escritos há milênios.

No Oriente Médio e na Ásia Central, onde a tradição oral era muito forte, muitos contos viajaram no tempo e no espaço graças a contadores de histórias que contam, para adultos e crianças, narrativas milenares de origens indefinidas. Vale lembrar que várias dessas histórias antiquíssimas continuam a ser contadas até hoje por pais, avós, contadores de histórias de nossa época etc. e continuarão a ser transmitidas a outras gerações.

O **conto** é um tipo de narrativa ficcional que apresenta uma sucessão de acontecimentos relatados por um narrador e vivenciados por poucos personagens. Há outros gêneros que apresentam características narrativas, mas nem todos eles são considerados ficcionais. Em uma notícia ou reportagem, por exemplo, encontramos às vezes uma sucessão de acontecimentos que envolvem pessoas, lugares etc., mas diferem do conto em relação à função e à intenção. O objetivo da notícia, como você viu no Caderno do 6º ano, é divulgar informações sobre fatos atuais, considerados relevantes pelos jornais. Ela mostra sempre um lado do fato noticiado, dependendo do que o jornal quer transmitir. Por discutir razões e efeitos por trás de um fato, a reportagem é mais extensa e profunda do que a notícia. O conto não assume tal compromisso; ele é uma ficção, uma invenção. É escrito com a função de entreter e, ao mesmo tempo, ensinar, emocionar, maravilhar, por meio da sequência de fatos que serão sempre considerados fictícios (criados ou inventados), mesmo quando baseados em algum acontecimento real.

Atividade 1 ▪ Puxando na memória

Você se lembra de alguma experiência marcante relacionada ao ato de contar ou ouvir histórias?

Escreva essa experiência em seu caderno. Depois, conte-a para a turma.

Atividade 2 ▪ Escrever um conto

1. Leia o início do conto *Os seis cisnes*, dos irmãos Grimm.

Os seis cisnes

Certa vez, em uma grande floresta, um rei perseguia sua caça com tanto entusiasmo, que nenhum dos que o acompanhavam conseguia segui-lo.

Quando anoiteceu, ele parou, olhou à sua volta e só então percebeu que estava perdido.

Procurou uma saída, mas não a encontrou.

Nisso, viu aproximar-se uma velha, cuja cabeça não parava de balançar. Mas, um detalhe, ela era uma bruxa.

— Cara senhora — perguntou o rei — poderia indicar-me um caminho através da floresta?

— Sim, senhor rei — respondeu ela — posso naturalmente, mas existe uma condição. Se o senhor não a cumprir, nunca mais sairá da floresta e morrerá de fome.

— Qual é a condição? — perguntou o rei.

GRIMM, Jacob e Wilhelm. *Os seis cisnes*. Trad. Maria Regina Ronca. Original em alemão disponível em: http://www.maerchen.com/grimm/die-sechs-schwaene.php. Acesso em: 24 maio 2012.

2. Sua tarefa é soltar a imaginação e completar esse conto. Escreva sem receios a continuidade da história e crie um final para ela.

   Para isso, preste muita atenção ao título e à situação inicial dada. Além disso, considere as seguintes questões:

   - Que condição a bruxa vai impor ao rei? O rei conseguirá cumpri-la?
   - Como é que os cisnes entrarão na história? Por que são seis? São cisnes comuns ou mágicos?
   - O rei conseguirá sair da floresta? Tudo vai terminar bem?

   Escreva o texto em uma folha avulsa. Em seu caderno, faça um rascunho. Quando terminar, entregue o conto ao professor.

   Ao longo desta Unidade, à medida que for conhecendo outros contos e consultando algumas atividades da Unidade 3, você vai fazer revisões em seu texto.

   Quando as versões mais definitivas do texto de toda a turma estiverem prontas, você, os colegas e o professor poderão programar uma roda de histórias, para ler ou contar as várias versões criadas para o conto *Os seis cisnes*. Poderão também ler e contar outros contos.

Leitura e análise de contos

Você vai ler contos de diferentes tradições e analisar as diversas maneiras que o narrador encontra para envolver o leitor. Você verá de perto como são feitas as descrições dos personagens e do cenário e também saberá como se conduz o conflito de tal modo que este se desenvolva rapidamente a caminho de um desfecho (por vezes surpreendente).

Atividade 3 ▪ Elementos que constituem o conto

1. Já aconteceu de você ouvir uma música ou uma história, ver um quadro ou uma foto, e sentir o coração bater mais forte? Em experiências assim, já sentiu um nó no peito, os olhos cheios de água, uma vontade maluca de rir? Escreva em seu caderno uma situação em que você se emocionou ao ter contato com a beleza de uma obra de arte.

2. Agora, leia o conto *A aventura de Chu*, retirado do livro *Acordais*, de Regina Machado, que recontou a história a partir do livro *L'arbre à soleils* (*A árvore de sóis*), de Henri Gougaud.

A aventura de Chu

Era uma vez dois amigos que viajavam pelo mundo. Meng e Chu passaram por países desconhecidos, rios, vales e montanhas.

Um dia, quando atravessavam uma floresta, viram que logo ia desabar uma tempestade. Procuraram abrigo e viram ao longe um velho templo em ruínas. Correram para lá e foram recebidos por um velho monge muito sorridente. O monge lhes disse:

— Amigos, quero que vocês me acompanhem até a sala dos fundos do templo. Lá está representada uma obra de arte como não existe igual. Venham ver o bosque de pinheiros que está pintado na parede do fundo do templo.

Ele virou-se devagar, arrastando os chinelos. Os dois amigos o seguiram. Quando chegaram à última sala, ficaram maravilhados. De fato, era uma magnífica obra de arte. Começaram a andar desde o começo da pintura, observando as árvores de todos os tamanhos e tons de verde. Perceberam que além dos pinheiros havia outras figuras, montanhas ao fundo, um sol dourado iluminando o céu, jovens em grupos, em pares, conversando, colhendo flores. Chu ia na frente e, quando chegou bem no meio da parede, parou. Ali estava uma jovem tão linda que o deixou boquiaberto. Era alta, elegante, os olhos negros pareciam duas jabuticabas, a boca era como um morango maduro; tinha uma cesta no braço, colhia flores e seus cabelos eram longos e negros, penteados em duas grossas tranças até a cintura. Chu apaixonou-se imediatamente por ela e ficou ali parado, contemplando cada detalhe daquela jovem tão bela.

Chu não sabe quanto tempo ficou ali, até que de repente sentiu como se estivesse flutuando, seus pés não tocavam o chão. Olhou à sua volta e viu um sol dourado iluminando o céu, ouviu vozes e percebeu que eram das jovens que ele tinha visto pintadas na parede. Foi então que se deu conta de que estava dentro do quadro.

Quando se refazia do susto, viu a jovem de que tinha gostado, um pouco mais adiante. Ela olhou para ele, sorriu, jogou as tranças para trás e saiu correndo. Ele a seguiu até que ela chegou a um jardim cheio de pequenas flores coloridas, que ficava em volta de uma casa toda branca. Ela atravessou o jardim e parou diante da porta. Quando Chu se aproximou, eles entraram e ficaram parados em pé, um diante do outro, bem no meio daquele aposento silencioso.

Eles se abraçaram, e Chu sentiu que amava aquela jovem como se fosse desde sempre. Então, eles foram para a cama e na manhã seguinte eram marido e mulher. A jovem se levantou e foi pentear seus longos cabelos, mas agora não fez as duas tranças, e sim um coque na nuca, como era o costume das mulheres casadas. Enquanto conversavam, ouviram barulhos estranhos lá fora, passos pesados, sons de correntes. A jovem ficou pálida, fez um sinal para Chu não dizer nenhuma palavra.

Viram um ser descomunal, inteiramente vestido com uma armadura de ferro. Com olhos ameaçadores, ele carregava nas mãos um chicote, grilhões e uma corrente. Ele disse para as jovens do quadro que estavam à sua volta, apavoradas:

— Afastem-se. Sei que há um ser humano entre nós, não adianta esconder. Agora vou vasculhar dentro da casa, tenho certeza de que ele está lá.

A jovem ficou mais pálida ainda e disse:

— Chu, depressa, esconda-se embaixo da cama, não dá tempo de mais nada.

Chu mal teve tempo de correr para debaixo da cama quando viu a porta se abrir. Duas botas de ferro entraram para dentro do quarto.

Enquanto isso, Meng olhava o quadro, e deu por falta do amigo. Perguntou ao velho monge onde ele estava e o velho monge respondeu:

— Não se preocupe, ele não foi muito longe, não.

Batendo com os dedos na parede, chamou com voz tranquila:

— Volte, senhor Chu. Já é tempo de encontrar seu amigo outra vez.

Nesse momento, Chu foi saindo de dentro da parede.

— Onde você esteve? — perguntou Meng.

— Eu não sei — disse ele. — Estava embaixo da cama, ouvi um barulho terrível, saí para ver o que era e sem saber como, cheguei de novo nessa sala.

Os dois amigos voltaram a olhar o quadro desde o começo para se despedirem dele. Chu ia na frente; quando chegou no meio da parede, aquela jovem estava lá. Alta, elegante, os olhos como duas jabuticabas, a boca lembrava um morango maduro e ela colhia flores. Mas seus cabelos não estavam mais penteados em tranças, agora eles formavam um coque na nuca, como era o costume das mulheres casadas, naquele lugar.

Os dois amigos desceram as escadarias do templo em silêncio. A chuva já tinha parado e eles se foram sem dizer palavra. A viagem continuava.

MACHADO, Regina. A aventura de Chu. In: ______. *Acordais*. São Paulo: DCL, 2004, p. 39-41.

a) O conto começa com "Era uma vez...". Esse início transporta o leitor para o mundo da realidade ou da ficção? Justifique sua resposta.

____

____

____

____

b) O narrador da história participa dela como se fosse um personagem (1ª pessoa) ou conta o que viu, ouviu ou sabia (3ª pessoa)? Confirme sua resposta transcrevendo um trecho do texto.

____

____

____

____

c) Releia o conto e grife o nome de todos os lugares onde acontecem episódios importantes da história.

d) Personagens são os seres criados pelo autor, que participam da história. Dos que aparecem em *A aventura de Chu*, dois são descritos minuciosamente. Quais são esses personagens? Em sua opinião, por que o narrador os descreve em detalhes?

____

____

____

____

____

e) Observe as expressões "era uma vez", "um dia", "quando chegaram", "até que de repente", "foi então", "quando se refazia do susto", "enquanto conversavam", "enquanto isso", "nesse momento". Em geral, essas expressões aparecem no início de parágrafos ou frases e são muito importantes em uma história. Por quê?

f) Para compreender e interpretar os contos, é importante refletir sobre os sentidos que estão por trás deles. Em sua opinião, com que intenção o conto *A aventura de Chu* foi escrito?

Aspectos estruturais e organizativos do conto

Você já aprendeu que o conto é um tipo de narrativa ficcional que apresenta uma sucessão de acontecimentos relatados por um narrador e vivenciados por poucos personagens. Também viu que esses personagens atuam em determinados espaços, durante certo tempo. Agora, você vai saber mais sobre esses elementos que constituem o conto.

Personagens: são os participantes, "atores", seres – sempre fictícios – que vivem o enredo da história. Mesmo quando um personagem nasce inspirado em uma pessoa real, ele é considerado fictício. Durante a leitura de um conto é muito importante observar a maneira como o narrador apresenta e descreve as características físicas, psicológicas e sociais dos personagens. Volte ao conto que você leu e observe como os personagens foram descritos.

Enredo ou **trama**: é a intriga, a história que os personagens vivem no desenrolar do conto. Trata-se do conjunto de fatos ou situações que se organizam para compor o conto. Um enredo geralmente tem situação inicial, conflito, resolução e desfecho, mas os acontecimentos não precisam ser apresentados necessariamente nessa ordem. O *clímax* do texto é o ponto em que o interesse do leitor se mostra mais intenso, ou seja, a parte do enredo em que os acontecimentos centrais ganham o máximo de tensão para os personagens envolvidos. As ações dos personagens evoluem porque há causas que as determinam ou porque elas vão se sucedendo no decorrer do texto.

Espaço: é onde acontece a história. Os personagens literários atuam em espaços e reagem ao mundo em que vivem. Em alguns contos esse elemento é essencial – *A aventura de Chu* é um deles –, pois justifica os acontecimentos do enredo.

Tempo: é um elemento central na organização do conto. No texto, as palavras que se referem ao tempo indicam de que forma os fatos se sucedem. Indicam também como a passagem do tempo é sentida pelos personagens. Você já vivenciou situações em que o tempo demorou para passar ou passou rápido demais? É interessante observar ainda os casos em que há uma distância de tempo entre a ocorrência dos acontecimentos narrados e o momento em que são contados.

Narrador: é quem conta a história. Um conto pode ser narrado de muitas maneiras. Se o narrador participa da história, dizemos que ela é narrada em 1ª pessoa. Observe as palavras destacadas. Elas nos dão pistas de quem é o narrador:

> Nunca **pude** entender a conversação que **tive** com uma senhora, há muitos anos, contava **eu** com dezessete, ela trinta. Era noite de Natal. Havendo ajustado com um vizinho irmos à missa do galo, **preferi** não dormir; **combinei** que **eu** iria acordá-lo à meia-noite.

ASSIS, Machado de. *Missa do Galo*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1931>. Acesso em: 24 maio 2012.

Repare que o narrador está contando uma história da qual participa. Quando acontece isso, trata-se de um narrador-personagem.

Observe agora o que está destacado neste outro exemplo:

> **Inácio estremeceu**, ouvindo os gritos do solicitador, **recebeu** o prato que este lhe apresentava e **tratou** de comer, debaixo de uma trovoada de nomes, malandro, cabeça de vento, estúpido, maluco.

ASSIS, Machado de. *Uns braços*. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1967>. Acesso em 24 maio 2012.

Agora o narrador está fora da história (3ª pessoa). Quando isso acontece, o narrador poderá ser: onisciente, isto é, ciente de tudo, ou observador.

O narrador onisciente penetra no íntimo dos personagens, sabe o que sonham, o que pensam. O narrador observador se comporta como uma testemunha, uma máquina que vai filmando os fatos. Nesse caso, ele só pode contar o que vê e não conhece os pensamentos dos personagens.

Origens do conto

Depois de milhares de anos, de muitas coisas para contar e de muitos estudos realizados para descobrir as origens e as fontes das histórias, é possível identificar algumas narrativas que parecem ter viajado mais longe e inspirado os grandes escritores de todas as épocas. Essas histórias são conhecidas como narrativas primordiais e nasceram de fontes orientais bastante heterogêneas. Sua divulgação por toda a Europa (e mais tarde pelas Américas) se fez pela transmissão oral e, posteriormente, pelo registro escrito.

O texto egípcio *A história dos dois irmãos* é considerado o primeiro conto já escrito e foi produzido provavelmente no século XIV a.C. Outros contos antigos são os que aparecem no *Velho Testamento*. Há também as *Fábulas de Esopo*; o livro *História*, de Heródoto; as histórias hindus do *Pantchatantra*; *O asno de ouro*, de Apuleio, entre outros.

Da tradição oral, nasceu a chamada literatura popular, composta de cantigas de roda, reisados (festas realizadas na véspera e no Dia de Reis), adivinhações, parlendas, brincadeiras infantis, trava-línguas, entre outros. As histórias nascidas da tradição oral têm inúmeras versões e variantes e continuam a se transformar entre os povos em que circulam, pois a oralidade tem mobilidade e poder de adaptação à cultura muito maiores do que a linguagem escrita.

Atividade 4 ▪ Conto tradicional árabe

1. “Feliz aquele que sonha e que faz o sonho acontecer.” Essa frase tem muito a ver com o próximo conto que você vai ler. Qual é sua opinião sobre ela? Você costuma lutar “para fazer o sonho acontecer”? Justifique sua resposta.

____

____

____

____

____

2. Agora, leia o conto a seguir. Ele é muito antigo, vem da tradição árabe. Foi recontado por Rosane Pamplona, professora de literatura, contadora de histórias e autora de vários livros.

O sonho de Ismar

Há muitos e muitos anos, vivia na cidade de Damasco, na Síria, um pobre homem chamado Ismar. Ismar sempre lutara para ganhar a vida dignamente; não tendo podido estudar e aprender uma profissão, sujeitava-se a qualquer espécie de serviço: limpava jardins, carregava pedras, buscava água, sempre com boa vontade, trabalhando sem se queixar. Com o passar dos anos, porém, Ismar começou a sentir-se cansado e preocupado. Durante a vida toda só trabalhara e nunca conseguira juntar qualquer dinheiro, nenhuma economia que pudesse socorrê-lo em caso de necessidade. A única coisa que tinha de seu era uma casa, herança antiga da família.

A casa ficava num bairro pobre de Damasco, no fim de uma rua esburacada. Era feita de pedras e protegida por um portãozinho de madeira. Atrás da casa corria um riacho; à beira do riacho crescia uma velha figueira e era à sombra dessa figueira que Ismar costumava descansar depois de trabalhar a manhã toda. Ali ele refletia sobre sua vida e se perguntava o que seria dele quando a velhice não lhe permitisse mais o esforço físico. Estou ficando velho, pensava, não tenho filhos que me possam sustentar. Será que Alá, meu pai divino, vai me abandonar?

Sempre assim cismando, um dia Ismar dormiu, recostado à figueira, e teve um sonho; sonhou que estava na cidade do Cairo, no Egito. Ele nunca havia estado realmente no Egito, mas no sonho passeava com desembaraço pela avenida central da cidade e distinguia perfeitamente os mercadores de tapetes, os minaretes das mesquitas. Atravessando uma praça, ele dobrava à direita, descia uma rua estreita, chegava a um rio. Sobre o rio havia uma ponte e embaixo da ponte – ó maravilha! – um cofre repleto de moedas e joias reluzentes!

Quando acordou, Ismar teve certeza de que aquele era o tesouro que Alá lhe reservara. O sonho tinha sido tão nítido, tão preciso nos detalhes, não havia engano! Sem pensar em mais nada, ele arrumou sua trouxa e pôs-se a caminho do Cairo. Era uma longa distância, principalmente para ele, que ia a pé e sem dinheiro. No entanto, movido pela convicção de encontrar sua fortuna, Ismar atravessou desertos e vales, rios e florestas, até chegar, finalmente, exausto e maltrapilho, à cidade que lhe aparecera em sonho. Sua fé, então, redobrou de vigor, pois o Cairo era exatamente como ele havia sonhado! Ele reconheceu a avenida principal, os mercadores de tapetes, os minaretes das mesquitas; chegou à praça, virou à direita, desceu a rua, avistou o rio, aproximou-se da ponte, mas... no exato lugar em que deveria estar o tesouro, não havia cofre algum; havia, isso sim, um mendigo mais pobre e maltrapilho que ele.

Chocado, Ismar deu-se conta da sua loucura! Como pudera acreditar tão piamente num simples sonho? Que tolo fora! E agora, com que forças enfrentaria a viagem de volta? Que impulso de fé ou esperança sustentaria aquela alma tão esvaziada pela decepção? Não, pensou ele. Melhor será acabar com os meus dias aqui mesmo. Nenhuma esperança me resta. E, decidido a se afogar, subiu à ponte. Já estava quase se atirando quando sentiu que alguém o segurava, agarrando sua perna por debaixo da ponte.

Era o mendigo que gritava:

— Hei amigo! Cuidado, você pode morrer! Esse rio é perigoso!

— Ainda bem! — respondeu Ismar. — É isso mesmo que desejo: matar-me.

— Não faça isso — ponderou o mendigo. — Você ainda tem muito que viver. Escute, desça até aqui e conte-me a sua história. Faça sua última boa ação, entretendo um miserável como eu. Depois, se quiser, pode se matar!

Ismar hesitou, mas resolveu afinal repartir suas dores com aquele desconhecido. Contou-lhe o sonho, concluindo:

— Então, no mesmo lugar em que deveria estar o cofre, estava você... Agora, diga-me, não tenho razão em querer acabar com minha vida?

— Olhe — exclamou o mendigo —, não queria dizer isso, mas acho que você tem razão. Você foi muito irresponsável, um louco!!! Acreditar num sonho! E que você sonhou só uma vez? Veja se tem cabimento! Pois fique sabendo que eu, há cinco anos, tenho o mesmo sonho, que se repete quase todas as noites. E não é por isso que vou sair correndo atrás do que sonhei.

— E o que você sonha? — perguntou curioso Ismar.

— Escute só: eu sonho que estou na Síria, na cidade de Damasco, o que já é uma asneira, pois nunca estive na Síria. Estou num bairro pobre, seguindo por uma rua esburacada. No fim da rua há uma casa de pedra, protegida por um portãozinho de madeira. Atrás da casa corre um riacho; à beira do riacho cresce uma figueira e, dentro dessa figueira, que é oca, há um tesouro! Não é uma bobagem? Eu é que não sou louco de acreditar em sonhos, não acha?

Ismar não respondeu. Estava pasmo, pois reconhecera, pela descrição do mendigo, a sua rua, a sua casa, a sua amada figueira!

Compreendendo os laços do destino, abraçou o mendigo, tomou o caminho de volta e chegando à sua casa, foi direto à velha árvore, onde o tão sonhado tesouro o aguardava.

PAMPLONA, Rosane. O sonho de Ismar. In: ______. *Novas histórias antigas*. São Paulo: Brinque-Book, 1998.

a) Qual é o tipo de narrador de *O sonho de Ismar*? (Se necessário, consulte a Atividade 3.) Comprove transcrevendo um trecho do conto.

b) Ao longo do conto, o narrador vai descrevendo Ismar. Escreva no quadro as características apresentadas. Qual delas, em sua opinião, foi fundamental para que Ismar realizasse o sonho?

Características de Ismar apresentadas pelo narrador	Característica que motivou Ismar a correr atrás do sonho

c) "Escute só: eu sonho que estou na Síria, na cidade de Damasco, o que já é uma asneira, pois nunca estive na Síria. Estou num bairro pobre, seguindo por uma rua esburacada. No fim da rua há uma casa de pedra, protegida por um portãozinho de madeira. Atrás da casa corre um riacho; à beira do riacho cresce uma figueira e, dentro dessa figueira, que é oca, há um tesouro! Não é uma bobagem?"

Retire do parágrafo dois trechos que comprovam que o mendigo do Egito não levou o sonho dele a sério.

d) Nesse conto, qual é a importância de o narrador descrever minuciosamente o lugar onde Ismar vivia, em Damasco, e a cidade do Cairo, no Egito, onde o mendigo vivia?

e) "Feliz aquele que sonha e que faz o sonho acontecer." Retome o comentário que você escreveu sobre essa frase antes de ler o conto e acrescente algumas ideias, considerando o que aconteceu com Ismar.

Discurso direto e discurso indireto

Há momentos nos textos narrativos em que os personagens se expressam por meio da fala e dialogam.

Observe o exemplo:

> Viram um ser descomunal, inteiramente vestido com uma armadura de ferro. Com olhos ameaçadores, ele carregava nas mãos um chicote, grilhões e uma corrente. Ele disse para as jovens do quadro que estavam à sua volta, apavoradas:
>
> **— Afastem-se. Sei que há um ser humano entre nós, não adianta esconder. Agora vou vasculhar dentro da casa, tenho certeza de que ele está lá.**
>
> A jovem ficou mais pálida ainda e disse:
>
> **— Chu, depressa, esconda-se embaixo da cama, não dá tempo de mais nada.**
>
> Chu mal teve tempo de correr para debaixo da cama quando viu a porta se abrir.

Repare que nesse trecho o narrador vem contando a história e, de repente, ele passa a palavra ao personagem. Sempre que o narrador faz isso, ocorre o que chamamos **discurso direto**.

Observe outro exemplo:

> Era o mendigo que gritava:
>
> **— Hei, amigo! Cuidado, você pode morrer! Esse rio é perigoso!**
>
> **— Ainda bem!** — respondeu Ismar. **— É isso mesmo que desejo: matar-me.**
>
> **— Não faça isso.** — ponderou o mendigo. **— Você ainda tem muito que viver. Escute, desça até aqui e conte-me a sua história. Faça sua última boa ação, entretendo um miserável como eu. Depois, se quiser, pode se matar!**
>
> Ismar hesitou, mas resolveu afinal repartir suas dores com aquele desconhecido.

Repare novamente nos trechos destacados. Todos são falas dos personagens do conto.

Mas nem sempre o narrador passa a palavra aos personagens. Às vezes, ele conta o que os personagens disseram. Observe agora este trecho:

> Enquanto isso, Meng olhava o quadro, e deu por falta do amigo. **Perguntou ao velho monge onde ele estava.**

Repare que na parte destacada o narrador reproduz a pergunta de Meng , mas não dá voz a esse personagem. Sempre que o narrador usar as palavras de um personagem para reproduzir o que este diz, temos um **discurso indireto**.

Formas de indicar o discurso direto

Observe algumas das características do discurso direto:

- A voz do personagem vem acompanhada por um verbo que anuncia a fala. Por exemplo: "Ela *disse*: ..."; "o velho monge *respondeu*: ...".

Os verbos destacados anunciam que os personagens vão falar e por isso são chamados verbos de dizer ou verbos de elocução. Há muitos verbos de elocução (responder, retrucar, afirmar, falar etc.). Alguns ajudam o leitor a perceber como está acontecendo a cena: cochichar, resmungar, retrucar, gritar, entre outros.

- Geralmente, a fala do personagem fica isolada em um parágrafo no texto e é indicada por um travessão. Por exemplo:

> Era o mendigo que **gritava:**
>
> — Hei, amigo! Cuidado, você pode morrer! Esse rio é perigoso!

O narrador passa a palavra ao personagem, usando o verbo de elocução antes da fala. Nesse caso, empregam-se os dois-pontos depois do verbo que anuncia a fala e é necessário o uso do travessão.

- Há muitas maneiras de representar o discurso direto. Veja os exemplos:

> — Ainda bem! — **respondeu** Ismar. — É isso mesmo que desejo: matar-me.

Repare que primeiro vem o travessão e a fala é iniciada; depois aparece o verbo de dizer no meio da fala e outro sinal de travessão, separando a intromissão do narrador na fala do personagem.

Também é possível que a intromissão do narrador apareça no final da fala do personagem, separada também por um travessão:

— Onde você esteve? — perguntou Meng.

Discurso indireto

Observe algumas características do discurso indireto:

- O discurso indireto vem introduzido também por um verbo de dizer.
- No discurso indireto há sempre uma conjunção que liga a fala do narrador à fala do personagem. Geralmente, a conjunção é *que* ou *se*.

Compare-os:

Discurso direto

O monge lhes disse:

— Amigos, quero que vocês me acompanhem até a sala dos fundos do templo. Lá está representada uma obra de arte como não existe igual. Venham ver o bosque de pinheiros que está pintado na parede do fundo do templo.

Discurso indireto

O monge disse aos amigos que queria que eles o acompanhassem até a sala dos fundos do templo. Lá estava representada uma obra de arte como não existia igual. Que viessem ver o bosque de pinheiros que estava pintado na parede do fundo do templo.

Observações:

- O tempo verbal, no discurso indireto, será sempre passado em relação ao tempo verbal do discurso direto.
- Na transformação de um discurso direto em um discurso indireto, não são apenas os tempos e a pessoa dos verbos que mudam. Também é preciso alterar os pronomes e alguns advérbios. Consulte a Unidade 3.

Discurso indireto livre

Observe algumas características desse tipo de discurso:

- O discurso indireto livre mistura características do discurso direto e do indireto. Nele, a fala do personagem se coloca sutilmente no discurso do narrador sem que apareçam verbos de dizer e sinais de pontuação como dois-pontos e travessão.
- O discurso indireto livre pode demonstrar o que o personagem está pensando, sem que o narrador precise mudar o ritmo de sua narrativa. Por exemplo:

Não, pensou ele. Melhor será acabar com os meus dias aqui mesmo.

Se achar necessário, retome, na Unidade 3, as atividades direcionadas à representação dos discursos direto e indireto. Nessas atividades, além de praticar o uso de sinais de pontuação, você pode observar como conseguir efeitos de sentido usando diferentes verbos de dizer (também conhecidos como verbos de elocução).

Momento cidadania

As histórias de ficção distanciam-se das histórias reais porque estas últimas efetivamente aconteceram. Contudo, é impossível que um fato presente noticiado ou um fato do passado contado sejam narrados de forma neutra, imparcial ou objetiva.

Isso porque, embora o repórter e o historiador tenham compromisso com a exatidão dos fatos, muitas vezes os documentos não são conclusivos, e o olhar sobre determinado momento sempre traduz os valores de quem olha.

Repare como a mesma notícia muda de um jornal para outro, o que demonstra que "neutralidade" e "imparcialidade" são metas impossíveis para um jornal. A linguagem está sempre carregada dos pontos de vista, da ideologia de quem produz o texto. Um jornal conservador tenderá a dar a notícia de uma greve ressaltando seus aspectos negativos e tratando o movimento dos trabalhadores como "baderna", ao passo que um jornal progressista possivelmente se interessaria pelas reivindicações dos grevistas.

Da mesma maneira, um livro de História pode ser mais simpático à chamada "história dos vencidos", isto é, a história contada conforme aqueles que foram derrotados em um movimento revolucionário, por exemplo, enquanto outro se interessa mais pela "história dos vencedores", ou seja, o relato daqueles que venceram determinado embate histórico.

Por isso é importante manter-se alerta e ter o espírito crítico. Não podemos aceitar conclusões, opiniões, pontos de vista só porque nos chegam prontos.

Atividade 5 ▪ Conto "árabe" escrito por um brasileiro...

O próximo conto que você vai ler foi retirado do livro *Os melhores contos*, de Malba Tahan, um dos maiores contadores de histórias do Brasil. Malba Tahan escreveu mais de cem livros sobre assuntos diversos, muitas lendas e contos orientais. O verdadeiro escritor dessas histórias era Júlio César de Mello e Souza, e Malba Tahan foi um heterônimo (nome imaginário) que ele inventou. Por isso muita gente ainda pensa que Malba Tahan existiu de verdade.

1. Por que, em sua opinião, alguns autores preferem assinar suas obras usando um nome imaginário?

2. Malba Tahan é fascinado pelo Oriente, em especial pela cultura árabe. Todos os seus contos estão impregnados por essa cultura. Você tem fascínio por uma cultura em especial? Qual? Por quê?

3. Leia o texto e responda aos exercícios.

O oleiro e o poeta

O caso da rua El-Kichani parecia, realmente, muito sério. Uma rixa inesperada surgira entre o jovem Fauzi, o poeta, e o oleiro Nagib. Os curiosos amontoavam-se junto à casa do oleiro. Cruzavam-se as interrogações: Que foi? Como foi? Brigaram? Um guarda, para evitar que o tumulto se agravasse, resolveu levar os dois litigantes à presença do cádi, isto é, do juiz.

Esse juiz, homem íntegro e bondoso, interrogou, em primeiro lugar, o oleiro, que parecia o mais exaltado:

— Mas, afinal, meu amigo, de que se trata? Parece-me que foste agredido. É verdade?

— Sim, senhor juiz — confirmou o oleiro desabridamente —, fui agredido, em minha própria casa, por este poeta. Estava, como de costume, trabalhando em minha oficina, preparando dois novos vasos coloridos, que pretendia vender ao príncipe Rauzi, quando ouvi um ruído surdo e a seguir um baque. Percebi logo de que se tratava. O poeta Fauzi, que cruzava naquela ocasião a rua Bardauni, havia atirado violentamente uma pedra e partira um dos vasos – um vaso já pronto, que estava a secar junto à porta! Ora, senhor juiz, isso é um absurdo, um crime! Estou no meu direito; exijo uma indenização!

Voltou-se o juiz para o poeta e interpelou-o serenamente:

— Que tens a alegar, meu amigo? Como justificas o teu estranho proceder?

Você sabia que o escritor fictício Malba Tahan possui uma biografia?

O escritor brasileiro Júlio César de Mello e Souza escreveu uma biografia sobre seu heterônimo, cujo nome completo é Ali Iezid Izz-Edim Ibn Salim Hank Malba Tahan. Ele nasceu em 1885, na Península Arábica, em uma aldeia conhecida como Muzalit, próxima à cidade de Meca. Ao longo de sua trajetória, ele foi convidado pelo emir Abd el-Azziz ben Ibrahim a ocupar o posto de queimaçã, ou seja, prefeito, de El-Medina, município da Arábia. Realizou seus estudos em Constantinopla e no Cairo. Com apenas 27 anos, obteve uma grande herança paterna e passou a viajar pelo Japão, pela Rússia e pela Índia. Malba faleceu em 1921, no auge de um combate pela independência de uma tribo da Arábia Central.

Fonte: SANTANA, Ana Lúcia. Malba Tahan. *InfoEscola*. Disponível em: <http://www.infoescola.com/biografias/malba-tahan/>. Acesso em: 24 maio 2012.

— Senhor cádi – respondeu o jovem —, o caso é muito simples e quero crer que a razão milita a meu favor. Há três dias passados voltava eu da mesquita quando, ao cruzar a rua Bardauni, em que mora o oleiro Nagib, percebi que ele declamava um dos meus poemas. Notei, com tristeza, que os versos estavam errados: o oleiro mutilava, isto é, quebrava os meus versos. Aproximei-me dele e, delicadamente, ensinei-lhe a forma certa, que ele repetiu sem grande dificuldade. No dia seguinte, ao passar novamente pelo mesmo lugar, ouvi ainda o oleiro a repetir os mesmos versos deturpados, isto é, com a forma erradíssima. Cheio de paciência, tornei a ensinar-lhe a forma correta, e pedi-lhe que não tornasse a mutilar os meus poemas. Hoje, finalmente, regressava eu do trabalho quando, ao passar pela rua Bardauni, percebi que o oleiro declamava a minha linda poesia, estropiando as rimas e mutilando vergonhosamente os versos. Não me contive. Apanhei de uma pedra e parti com ela um de seus vasos. Como vê, senhor juiz, o meu procedimento não passou, afinal, da represália de um poeta que se sente ferido em sua sensibilidade artística por um indivíduo grosseiro.

Ao ouvir as alegações do poeta, o juiz, dirigindo-se ao oleiro, declarou:

— Que esse caso, ó Nagib, sirva de lição para o futuro! Procura respeitar as obras alheias, a fim de que os outros artistas respeitem as tuas obras. Se te julgavas com o direito de quebrar o vaso do poeta, achou-se também o poeta com o direito de quebrar o teu vaso. Lembra-te de que o poeta é o oleiro da frase, ao passo que o bom oleiro é o poeta da cerâmica!

E a sentença do ilustre cádi foi a seguinte:

— Determino, pois, que o oleiro Nagib fabrique um novo vaso de linhas perfeitas e cores harmoniosas, no qual o poeta Fauzi escreverá um de seus lindos versos. Esse vaso será vendido em leilão e a importância da venda repartida igualmente entre ambos.

A notícia do caso espalhou-se pela cidade. O oleiro vendeu muitos vasos com versos do poeta Fauzi e ambos se tornaram prósperos e ricos. Mas continuaram sempre bons amigos. O oleiro mostrava-se arrebatado ao ouvir os versos do poeta; encantava-se o poeta com os vasos admiráveis do oleiro.

Uassalã!

TAHAN, Malba. O oleiro e o poeta. In: ______. *Os melhores contos*. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 93-96.
Malba Tahan, escritor e professor de matemática brasileiro, é autor do livro *O homem que calculava*.

a) O narrador no início do conto cria um clima de mistério para o leitor. Como ele faz isso?

____

____

____

b) O juiz interrogou primeiro o oleiro, que parecia estar mais exaltado. Se ele interrogasse primeiro o poeta, o conto perderia um pouco de sua graça? Por quê?

____

____

____

c) A frase "Lembra-te de que o poeta é o oleiro da frase, ao passo que o bom oleiro é o poeta da cerâmica" revela a sabedoria do juiz? Por quê?

d) Você reparou que, na disputa, primeiro fala o juiz, depois o oleiro; o juiz fala novamente e depois o poeta; por fim o juiz decreta a sentença. Grife no texto os verbos de dizer usados nesses diálogos. Na dúvida, consulte na Unidade 3 os exercícios de pontuação de diálogos.

e) O que você achou do desfecho do conto? O fato de o oleiro mostrar-se arrebatado ao ouvir os versos do poeta e este ficar encantado com os vasos do outro mostra que o juiz estava certo?

Atividade 6 ▪ De volta à sua escrita

Depois de ler os contos e aprender sobre os elementos narrativos – descrição dos personagens, uso das expressões temporais, tipos de narrador, discursos direto e indireto –, é hora de revisar o conto que escreveu no início desta Unidade.

Você tentará dar contornos mais definitivos à primeira versão do conto, que foi corrigida parcialmente pelo professor.

Observe alguns passos importantes:

1. Retome a primeira versão do conto que você escreveu e reveja a situação inicial.
2. Escreva, no quadro a seguir, de forma resumida, os elementos narrativos da primeira versão de seu texto:

3. Caso você perceba que deve fazer acréscimos para enriquecer a descrição de algum dos elementos, aproveite esse quadro.

4. Verifique se seu texto está segmentado em parágrafos e se cada parágrafo tem uma ideia principal. Caso não tenha dividido o texto em parágrafos, assinale na primeira versão o lugar em que eles deverão aparecer. Consulte a Unidade 3 se for preciso.

5. Veja se as falas dos personagens (discurso direto) estão acompanhadas do sinal de travessão e dos verbos de dizer, que introduzem os diálogos.

6. Verifique se é possível variar os verbos de dizer (gritar, resmungar, murmurar, consentir, esbravejar etc.), para não usar apenas “falar” e “dizer”.

7. Verifique o uso dos sinais de pontuação. Se necessário, consulte os exercícios de pontuação da Unidade 3.

8. Em caso de dúvida em relação à grafia de alguma palavra, consulte um dicionário.

9. Verifique se seu texto apresenta todas as partes que devem existir em um conto: situação inicial, conflito, *clímax* e desfecho.

10. Por fim, passe tudo a limpo, usando apenas a parte da frente das folhas. O conto estará pronto para ser lido na roda de histórias proposta no final desta Unidade.

Roda de histórias

Você já participou de uma roda de histórias? Já organizou alguma?

É simples... Combine com o professor o local, a data e a hora para esse grande momento. A tarefa é preparar a leitura do conto que você escreveu nesta Unidade ou de uma história ou causo de sua preferência. Vai ser divertido ouvir as diferentes versões do conto *Os seis cisnes*.

É fundamental ensaiar a leitura, ou seja, ler o conto várias vezes em voz alta, para acertar a entonação, as vozes dos personagens, o ritmo da leitura.

Sugestão: combine com os colegas de trazerem comida e bebida. Depois de alimentar a alma com os contos, é ótimo compartilhar alimento para o corpo também.

Você estudou

Você estudou nesta Unidade o conto – um gênero ficcional, que apresenta uma sucessão de acontecimentos narrada por alguém e vivenciada por poucos personagens. Estudou os elementos que constituem o conto e a maneira de reconhecer e representar os discursos direto e indireto. Você também escreveu e revisou um conto.

Pense sobre

Se o conto é um gênero que nos leva a outros tempos e espaços, que nos leva a fazer reflexões sobre fatos da realidade, que nos faz conhecer experiências humanas que alimentam os desejos e sonhos, por que é cada vez mais raro contar ou ouvir histórias como antigamente?

As histórias contadas de outras maneiras – cinema, televisão, rádio, internet – proporcionam em você a mesma emoção de uma história contada por alguém? Por quê?

UNIDADE

5 ESTUDAR TAMBÉM SE APRENDE

Estudar é um dever revolucionário!

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 49. ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 59.

O objetivo desta Unidade é conhecer e praticar alguns procedimentos de estudo. Você vai grifar e aprender a fazer fichamentos de textos para entender melhor o que lê. Vai também praticar um modo de leitura que, além de ampliar o conhecimento de que já dispõe, o ajudará a aprofundar ideias, interpretá-las, estudá-las. Os exercícios de leitura e de escrita propostos mostrarão que estudar... também se aprende.

Para iniciar...

Dentro e fora da escola, sempre ouvimos alguém dizer que estudar é importante, pois com o estudo é possível enfrentar com mais segurança a competitividade do mercado de trabalho, desenvolver habilidades para acessar informações e fazer pesquisas para solucionar problemas, bem como entender melhor a sociedade em que vivemos.

- Mas o que exatamente é estudar?
- Estudantes já nascem sabendo estudar?
- Podemos aprender como se estuda?

No contexto escolar, muita gente pensa que estudar é um dom, uma atividade natural, que não precisa ser ensinada ou que se trata apenas de uma questão de memórias. Mas isso é um engano... O estudo é uma ação que requer técnica e, como tal, exige um "saber fazer" que se aprende. Para iniciar essa jornada pelo universo dos estudos, reflita sobre as seguintes questões e converse com os colegas e os professor.

- O que você acha necessário aprender para aumentar o rendimento de seus estudos?
- Quando você precisa ler para aprender mais sobre um tema, como você faz? Você elabora resumos ou anotações sobre o que leu? Costuma escrever suas dúvidas e ler outros textos que possam fornecer mais informações sobre o assunto?

Ler para aprender...

Quando você tem de fazer alguma prova ou concurso, ou decide ler para aprofundar-se em algum tema, é preciso realizar uma série de ações que envolvem diferentes formas de estudo. É necessário verificar e comparar anotações sobre o tema que está sendo estudado; buscar causas e consequências dos fatos; escrever textos, como roteiros, relatórios, resumos, comentários; ler e construir tabelas e gráficos; fazer pesquisas; participar de debates e de eventos culturais. Essas formas de estudo, muito comuns no universo escolar, devem ser ensinadas e praticadas. Estudar, na escola, exige técnica e disciplina... Uma disciplina que, ao contrário do que muitos pensam, ajuda-nos a criar e recriar ideias em vez de apenas repeti-las. Estudar textos não é repetir o que os outros dizem.

Na hora de ler para aprender, a sua experiência de vida conta muito. Ela é o ponto de partida de qualquer trabalho voltado para a aquisição de conhecimentos. Mesmo assim, saber algumas técnicas e ter disciplina podem ser fatores decisivos na hora de ler um texto. Toda técnica, para ser incorporada, precisa de método e de hábito. *Método* é o modo como usamos alguns recursos de que dispomos para aprender com a leitura de um texto. Já o *hábito* vem com a frequência com que lemos e com que praticamos esse modo de leitura.

Em geral, aprender a estudar nos faz tomar gosto pelo estudo. Quando adquirimos o hábito, a atitude de sentar-se para ler textos das diferentes disciplinas, para aprimorar os conhecimentos ou buscar informações, antes de ser uma obrigação, é uma maneira prazerosa de realizar descobertas. Isso acontece até mesmo com os textos mais difíceis.

Grifar textos

Você, quando lê um texto, tem o hábito de marcá-lo? Costuma grifar palavras ou trechos que considera importantes, fazer anotações ao lado dos parágrafos para resumir ideias? Já parou para pensar na razão por que os leitores fazem isso?

Nas atividades que serão propostas, você vai ver que o ato de grifar um texto auxilia muito na hora de estudar, porque ele ajuda a anotar as ideias centrais do que se lê.

Atividade 1 ▪ Julgando um livro pela capa

1. As seis personalidades mostradas nas fotos a seguir destacaram-se mundialmente por causa da carreira que desenvolveram. No grupo há um filósofo, um escritor, um ex-presidente, um cozinheiro, um político e um jogador de futebol.

a) Escreva abaixo de cada figura quem você acha que faz o quê (para que o exercício não perca a graça, se você já conhece alguém, esconda a informação dos colegas).

© Louise Gubb/Corbis Saba/Latinstock

Figura 1 ______________________

© Hulton-Deutsch Collection/Corbis/Latinstock

Figura 2 ______________________

© Penny Tweedie/Corbis/Latinstock

Figura 3 ______________________

© Nancy Kaszerman/ZUMA/Corbis/Latinstock

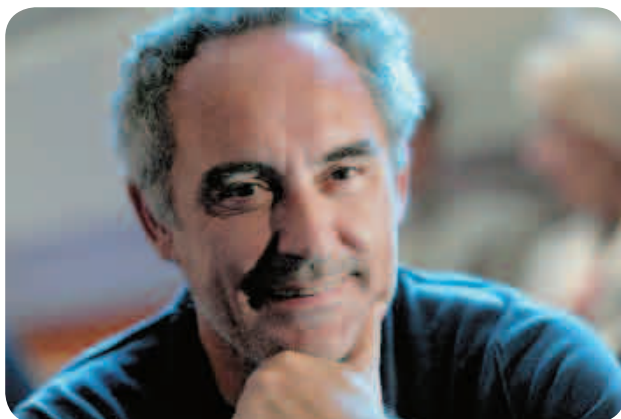
Figura 4 ______________________

© Britta Pedersen/dpa/Corbis/Latinstock

Figura 5 ______________________

© Stephane Cardinale/People Avenue/Corbis/Latinstock

Figura 6 ______________________

b) Para realizar o exercício, você buscou, na aparência das pessoas, motivos ou dados visuais que o ajudassem a formular hipóteses sobre quais são as suas profissões. Escreva uma palavra ou frase sobre os motivos que o levaram a pensar qual era a profissão de cada uma dessas pessoas.

Figura 1: ______________________________

Figura 2: ______________________________

Figura 3: ______________________________

Figura 4: ______________________________

Figura 5: ______________________________

Figura 6: ______________________________

c) Com a orientação do professor, compare suas respostas com as dos colegas. Depois, o professor revelará os nomes dessas personalidades e suas respectivas profissões.

2. Você encontrou alguma semelhança entre o exercício que você acabou de realizar e a atitude que você tem quando encontra uma pessoa pela primeira vez? Qual? Tem alguma ideia de por que agimos assim?

3. Leia o texto a seguir e, usando um lápis, grife as ideias que você considerar mais importantes. Depois, compare o que grifou com os grifos de um colega.

Estereótipos, preconceitos

Antes de apresentar possíveis definições de estereótipo e de preconceito e estabelecer uma relação entre esses dois conceitos, quero propor um exercício de imaginação. Escolha um profissional de qualquer área e observe a primeira imagem que surge em sua cabeça. Imagine um cozinheiro, uma médica, um mecânico, um bombeiro, uma trabalhadora doméstica, um escritor...

Pronto?

Se você comparar a imagem que lhe veio com a que outros leitores pensaram, é bem possível que haja muitas coincidências, que muitas das características físicas e psicológicas pensadas para cada profissional repitam-se. Um cozinheiro será alguém que vestirá um avental branco, chapéu de mestre-cuca, e estará segurando uma colher de pau. Um escritor será alguém sonhador, sentado diante de um computador ou com um caderninho na mão, anotando, anotando. Um bombeiro será um herói sempre disposto a salvar vidas. E assim por diante...

Generalizações como as do parágrafo anterior podem ser chamadas *estereótipos*. Estereótipos são as ideias, as imagens, as concepções que fazemos das pessoas e de quase tudo o que está ao nosso redor. Essa visão das coisas é criada, aprendida, repetida, sem avaliarmos se é ou não verdadeira. Ciro Marcondes chama estereótipo de vício de raciocínio. Em outras palavras, são verdadeiros rótulos que as pessoas imprimem umas às outras e que podem não corresponder à realidade, pois nascem de pensamentos superficiais, sem rigor crítico, chamados também pensamentos espontâneos.

Em nossa sociedade, os estereótipos podem ser transmitidos pelos meios de comunicação de massa – jornais, revistas, rádio, cinema e televisão – e pela internet também, em textos ou imagens. Podem estar presentes nos livros didáticos, nas revistas em quadrinhos, anedotas e até em histórias infantis. Em geral, os veículos de comunicação reforçam as expectativas que criamos em relação ao comportamento e às atitudes de pessoas e de profissionais que aparecem ao público. Por isso, alimentam os estereótipos.

É importante frisar que nem todas as ideias estereotipadas são negativas. Podemos ouvir dizer que "os negros são os melhores jogadores de basquete do mundo", ou que "as mulheres brasileiras são as mais lindas do mundo" etc. Contudo, mesmo nesses exemplos positivos, é preciso pensar, ponderar, considerar e avaliar cada caso. Quando os estereótipos geram imagens estereotipadas negativas ("mulher deve pilotar fogão", "os índios são vagabundos", "os portugueses são burros"), eles aproximam-se do preconceito.

O preconceito tem vínculo estreito com estereótipo. O primeiro nasce em geral de uma visão falsa e falseadora da verdade, de uma cultura, de um modo de pensar tendencioso. É decisivo perceber que o preconceito não se limita a uma ideia, o preconceito atualiza (torna ato) um comportamento, uma atitude preconceituosa.

Muitos fatores podem explicar as origens do preconceito. O preconceito pode ser resultado da ignorância, da frustração de pessoas, da intolerância, do egoísmo, do medo, de uma educação *domesticadora*. Esse tipo de educação, conforme Dalmo Dallari, é aquela que educa alguém para aceitar sem reflexão ou crítica tudo aquilo que se afirma como verdade e que, muitas vezes, viola os direitos humanos fundamentais e a dignidade da pessoa humana. Uma criança que cresce ouvindo informações preconceituosas, como verdades prontas e acabadas, vai ser estimulada a agir de modo preconceituoso. Dezenas de exemplos poderiam ser listados aqui de preconceitos resultantes de uma educação *domesticadora*: preconceitos contra a capacidade da mulher, contra a capacidade de analfabetos, contra pessoas portadoras de deficiências ou contra pessoas que vêm de regiões diferentes de um mesmo país.

Alguns estereótipos são responsáveis pela criação de preconceitos e atitudes preconceituosas. Racismos, segregações, violências contra pessoas têm origem em esquemas simplistas estereotipados, elaborados e transmitidos em nosso meio social. O estereótipo pode aparecer em toda parte e atingir homens, mulheres, grupos raciais e étnicos, indivíduos de diferentes classes sociais, diferentes profissionais, pessoas com diferentes orientações sexuais etc. Em todos os casos, o melhor a fazer é vigiar – e abandonar – os vícios de raciocínio, para não agir de forma preconceituosa.

Referências

LERNER, Júlio. Primeiro um, depois o outro. In: DINNES, Alberto (Org.). *O preconceito*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1996/1997.

MARCONDES FILHO, Ciro. *O que todo cidadão precisa saber sobre ideologia*. São Paulo: Global, 1985.

a) Os trechos que você grifou coincidiram com os trechos grifados pelo colega? Há parágrafos inteiros grifados? Há palavras soltas grifadas? Conversem sobre as justificativas que cada um teve para grifar uma ou outra passagem do texto. Registre suas conclusões.

b) Você acha que grifaria o texto de um jeito diferente se a leitura partisse de um objetivo previamente estabelecido? Você teria marcado outros trechos se tivesse de destacar as definições de estereótipo e preconceito e localizar no texto passagens que mostrassem a relação que há entre esses dois conceitos? Volte ao texto e confira. Registre suas conclusões.

Muitos leitores marcam passagens do texto que lhes chamam a atenção ou por um objetivo específico – encontrar uma informação, uma definição, um conjunto de argumentos ou conceitos –, ou por acharem interessantes algumas ideias. As razões para grifar podem variar, mas há algumas dicas que você pode considerar quando o objetivo é estudar:

- Antes de grifar, é fundamental ler o texto inteiro pelo menos uma vez. Conhecendo o texto, você perceberá como ele está estruturado e o que precisa ser destacado em função de seus objetivos de leitura.
- Evite grifar parágrafos inteiros. Somente grife o essencial.
- Há parágrafos que têm a função de retomar ideias já apresentadas; outros apresentam exemplos. Nesses casos (ou quando há alguma repetição) não é preciso grifar as ideias, mesmo que tenham sido apresentadas de um jeito diferente.
- É possível também grifar ou sublinhar apenas palavras-chave, ou seja, termos importantes. Mas nesse caso convém escrever na margem do texto as ideias completas representadas pelas palavras.

4. No quadro a seguir, na coluna da esquerda, estão reproduzidos os seis primeiros parágrafos do texto *Estereótipos, preconceitos*; você vai perceber que há trechos grifados. Na coluna da direita, há uma síntese das ideias expressas pelo autor, com as justificativas para os grifos feitos. Leia o quadro para entender o que foi grifado.

Estereótipos, preconceitos	Justificativas dos trechos grifados
1 Antes de apresentar possíveis definições de estereótipo e de preconceito e estabelecer uma relação entre esses dois conceitos, quero propor um exercício de imaginação. Escolha um profissional de qualquer área e observe a primeira imagem que surge em sua cabeça. Imagine um cozinheiro, uma médica, um mecânico, um bombeiro, uma trabalhadora doméstica, um escritor... 2 Pronto? 3 Se você comparar a imagem que lhe veio com a que outros leitores pensaram, é bem possível que haja muitas coincidências, que muitas das características físicas e psicológicas pensadas para cada profissional repitam-se. Um cozinheiro será alguém que vestirá um avental branco, chapéu de mestre-cuca, e estará segurando uma colher de pau. Um escritor será alguém sonhador, sentado diante de um computador ou com um caderninho na mão, anotando, anotando. Um bombeiro será um herói sempre disposto a salvar vidas. E assim por diante...	*O autor começa o texto travando contato com o leitor, para aproximá-lo do que vai ser desenvolvido no texto. Os exemplos que aparecem também são escritos com essa função: preparar o leitor para as definições que serão desenvolvidas.*
4 Generalizações como as do parágrafo anterior podem ser chamadas *estereótipos*. <u>Estereótipos são as ideias, as imagens, as concepções que fazemos das pessoas e de quase tudo o que está ao nosso redor. Essa visão das coisas é criada, aprendida, repetida, sem avaliarmos se é ou não verdadeira</u>. Ciro Marcondes chama estereótipo de vício de raciocínio. Em outras palavras, são verdadeiros rótulos que as pessoas imprimem umas às outras e que podem não corresponder à realidade, pois nascem de pensamentos superficiais, sem rigor crítico, chamados também pensamentos espontâneos.	*Nesse parágrafo, o autor apresenta a definição de estereótipo. Repare nas expressões "em outras palavras", "chamados também", que aparecem na última frase do parágrafo. Essas expressões são usadas para dar clareza ao texto, para ratificar (confirmar) com outras palavras alguma ideia já apresentada. Na hora de grifar, não há necessidade de grifar duas vezes ideias similares, mesmo quando escritas de forma diferente.* *Veja outra possibilidade para grifar esse parágrafo*: <u>Estereótipos</u> são as ideias, as imagens, as concepções que fazemos das pessoas e de quase tudo o que está ao nosso redor. Essa visão das coisas é criada, aprendida, repetida, sem avaliarmos se é ou não verdadeira. Ciro Marcondes chama estereótipo de vício de raciocínio. Em outras palavras, <u>são verdadeiros rótulos que as pessoas imprimem umas às outras e que podem não corresponder à realidade, pois nascem de pensamentos superficiais, sem rigor crítico</u>, chamados também pensamentos espontâneos.

5 Em nossa sociedade, os estereótipos podem ser transmitidos pelos meios de comunicação de massa – jornais, revistas, rádio, cinema e televisão – e pela internet também, em textos ou imagens. Podem estar presentes nos livros didáticos, nas revistas em quadrinhos, anedotas e até em histórias infantis. Em geral, os veículos de comunicação reforçam as expectativas que criamos em relação ao comportamento e às atitudes de pessoas e de profissionais que aparecem ao público. Por isso, alimentam os estereótipos.	*Para continuar explicando os conceitos de estereótipo, o autor mostra, nesse parágrafo, como os estereótipos podem ser transmitidos e como os veículos de comunicação os alimentam. Não foi necessário grifar o trecho*: "– jornais, revistas, rádio, cinema e televisão –" *porque são exemplos de meios de comunicação de massa*.
6 É importante frisar que nem todas as ideias estereotipadas são negativas. Podemos ouvir dizer que "os negros são os melhores jogadores de basquete do mundo", ou que "as mulheres brasileiras são as mais lindas do mundo" etc. Contudo, mesmo nesses exemplos positivos, é preciso pensar, ponderar, considerar e avaliar cada caso. Quando os estereótipos geram imagens estereotipadas negativas ("mulher deve pilotar fogão", "os índios são vagabundos", "os portugueses são burros"), eles aproximam-se do preconceito. [...]	*No início desse parágrafo, a expressão: "é importante frisar" é uma pista que o autor dá a seus leitores. Ele vai escrever algo que considera importante.* *Logo depois, fornece mais exemplos que ilustram o que afirmou anteriormente.* *Em seguida, vem a ressalva de que mesmo estereótipos "positivos" devem ser objeto de reflexão.* *Então, o autor estabelece a ligação entre as imagens estereotipadas negativas e o preconceito. Novamente, os exemplos não foram grifados.*

- Sua tarefa agora é grifar os três últimos parágrafos do texto, considerando os objetivos de leitura descritos no exercício anterior e as justificativas apresentadas na coluna da direita.

[...] 7 O preconceito tem vínculo estreito com estereótipo. O primeiro nasce em geral de uma visão falsa e falseadora da verdade, de uma cultura, de um modo de pensar tendencioso. É decisivo perceber que o preconceito não se limita a uma ideia, o preconceito atualiza (torna ato) um comportamento, uma atitude preconceituosa.	*Em um trecho desse parágrafo, o autor mostra qual é a diferença entre estereótipo e preconceito. Repare na expressão "é decisivo", pois ela é mais uma pista fornecida pelo autor.*

8 Muitos fatores podem explicar as origens do preconceito. O preconceito pode ser resultado da ignorância, da frustração de pessoas, da intolerância, do egoísmo, do medo, de uma educação *domesticadora*. Esse tipo de educação, conforme Dalmo Dallari, é aquela que educa alguém para aceitar sem reflexão ou crítica tudo aquilo que se afirma como verdade e que, muitas vezes, viola os direitos humanos fundamentais e a dignidade da pessoa humana. Uma criança que cresce ouvindo informações preconceituosas, como verdades prontas e acabadas, vai ser estimulada a agir de modo preconceituoso. Dezenas de exemplos poderiam ser listados aqui de preconceitos resultantes de uma educação *domesticadora*: preconceitos contra a capacidade da mulher, contra a capacidade de analfabetos, contra pessoas portadoras de deficiências ou contra pessoas que vêm de regiões diferentes de um mesmo país.	*Nesse parágrafo, aparecem as explicações sobre as origens do preconceito. Dos motivos citados, apenas um é explicado com mais detalhes: educação domesticadora.* *Os exemplos, em geral, não precisam ser grifados, pois ilustram ideias já apresentadas.*
9 Alguns estereótipos são responsáveis pela criação de preconceitos e atitudes preconceituosas. Racismos, segregações, violências contra pessoas têm origem em esquemas simplistas estereotipados, elaborados e transmitidos em nosso meio social. O estereótipo pode aparecer em toda parte e atingir homens, mulheres, grupos raciais e étnicos, indivíduos de diferentes classes sociais, diferentes profissionais, pessoas com diferentes orientações sexuais etc. Em todos os casos, o melhor a fazer é vigiar – e abandonar – os vícios de raciocínio, para não agir de forma preconceituosa. Referências LERNER, Júlio. Primeiro um, depois o outro. In: DINNES, Alberto (Org.). *O preconceito*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1996/1997. MARCONDES FILHO, Ciro. *O que todo cidadão precisa saber sobre ideologia*. São Paulo: Global, 1985.	*Nesse parágrafo, muitas ideias são retomadas. Aparece o posicionamento do autor em relação ao tema que foi desenvolvido.*

Fazer fichamentos

Fichamento é uma técnica de registrar de maneira organizada as informações obtidas na leitura de um texto, para serem consultadas em estudos posteriores. Depois de **selecionar** as ideias do texto-fonte considerando os objetivos de leitura, em um fichamento você reescreve as ideias do texto.

Reiterando: no fichamento não há necessidade de constar todas as ideias do texto-fonte, mas somente aquelas relacionadas aos objetivos de leitura, às informações que você está buscando saber.

Atividade 2 ▪ Fichamento do texto

Escreva no quadro os objetivos de leitura e as ideias que foram selecionadas (grifadas) do texto *Estereótipos, preconceitos*. Esse quadro é um exemplo de fichamento que pode ser guardado e consultado posteriormente.

Título: Estereótipos, preconceitos
Objetivos da leitura:
Ideias destacadas:

Momento cidadania

Juridicamente, preconceito não é crime, mas discriminação é.

O preconceito é baseado em uma ideia preconcebida que associa características negativas a uma pessoa ou a um grupo social em virtude de sua origem, cor da pele, ocupação etc. O preconceito é um estereótipo insultuoso.

A discriminação é o preconceito em uso. Por exemplo: uma pessoa, um grupo ou uma instituição detentora de determinado poder proíbe o acesso a alguém por razões de preconceito. Ao fazer isso, ela está cometendo crime de racismo.

Mas isso nem sempre foi assim. O racismo só foi considerado crime na Constituição Federal de 1988. Ele está relacionado à discriminação contra pessoas em razão da cor de pele, etnia, origem ou religião. É considerado um crime inafiançável (que não admite pagamento de fiança) e imprescritível (sujeito a punição mesmo muito tempo depois de ter sido praticado). Há leis específicas que determinam o que é racismo ou não, como a Lei federal nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. Há também o Projeto de Lei federal 122/2006, que prevê criminalizar a discriminação contra homossexuais.

Atividade 3 ▪ Ler para aprender

1. Leia o texto a seguir e responda às questões propostas.

A fronteira da cultura

Escritor moçambicano expõe os dilemas de seu país e propõe a construção da modernidade a partir do pensamento original

Durante anos, dei aulas em diferentes faculdades da Universidade Eduardo Mondlane. Os meus colegas professores queixavam-se da progressiva falta de preparação dos estudantes. Eu notava algo que, para mim, era **ainda mais grave**: uma cada vez maior distanciação desses jovens em relação a seu próprio país. Quando eles saíam de Maputo em trabalhos de campo, esses jovens comportavam-se como se estivessem emigrando para um universo estranho e adverso. Eles não sabiam as línguas, desconheciam os códigos culturais, sentiam-se deslocados e com saudades de Maputo. Alguns sofriam dos mesmos fantasmas dos exploradores coloniais: as feras, as cobras, os monstros invisíveis.

Aquelas zonas rurais eram, afinal, o espaço de onde vieram seus antepassados. Mas eles não se reconheciam como herdeiros desse patrimônio. O país deles era outro. **Pior ainda**: eles não gostavam desta outra nação. E **ainda mais grave**: sentiam vergonha de a ela estarem ligados. A verdade é simples: esses jovens estão mais à vontade dentro de um *videoclip* de Michael Jackson do que no quintal de um camponês moçambicano.

O que se passa, e isso parece inevitável, é que estamos criando cidadanias diversas dentro de Moçambique. E existem várias categorias: há os urbanos, moradores da cidade alta, esses que foram mais vezes a Nelspruit que aos arredores de sua própria cidade; depois, há uns que moram na periferia, os da chamada cidade baixa. E há ainda os rurais, os que são uma espécie de imagem desfocada do retrato nacional. Essa gente parece condenada a não ter rosto e a falar pela voz de outros.

A criação de cidadanias diferentes (ou **o que é mais grave**, de diferentes graus de uma mesma cidadania) pode ou não ser problemática. Tudo isso depende da capacidade de manter em diálogo esses diferentes segmentos da nossa sociedade. A pergunta é: será que esses diferentes Moçambiques falam uns com os outros?

A nossa riqueza provém da nossa disponibilidade para efetuarmos trocas culturais com os outros. O presidente Chissano perguntava num texto muito recente sobre o que é que Moçambique tem de especial que atrai a paixão de tantos visitantes. Esse não-sei-quê especial existe, de fato. Essa magia está ainda viva. Mas ninguém pensa, razoavelmente, que esse poder de sedução provém de sermos naturalmente melhores que os outros. Essa magia nasce da capacidade de sermos nós, sendo outros. [...]

O que seremos e podemos ser – Estamos hoje a construir a nossa própria modernidade. O que mais nos falta em Moçambique não é formação técnica, não é a acumulação de saber acadêmico. O que mais falta em Moçambique é capacidade de gerar um pensamento original, um pensamento soberano que não ande a reboque daquilo que outros já pensaram. [...]

O nosso continente corre o risco de ser um território esquecido, secundarizado pelas estratégias de integração global. Quando digo “esquecido”, pensarão que me refiro à atitude das grandes potências. Mas eu refiro-me às nossas próprias elites, que viraram as costas às responsabilidades para com os seus povos, à forma como o seu comportamento predador ajuda a denegrir a nossa imagem e fere a dignidade de todos os africanos. O discurso de grande parte dos políticos é feito de lugares-comuns, incapazes de compreender a complexidade da condição dos nossos países e dos nossos povos. A demagogia fácil continua a substituir a procura de soluções. A facilidade com que ditadores se aproximam dos destinos de nações inteiras é algo que nos deve assustar. A facilidade com que se continua a explicar erros do presente através da culpabilização do passado deve ser uma preocupação nossa. É verdade que a corrupção e o abuso do poder não são, como pretendem alguns, exclusivas do nosso continente. Mas a margem de manobra que concedemos a tiranos é espantosa. É urgente reduzir os

territórios de vaidade, arrogância e impunidade dos que enriquecem à custa do roubo. É urgente redefinir as premissas de construção de modelos de gestão que excluem aqueles que vivem na oralidade e na periferia da lógica e da racionalidade europeias.

Nós todos, escritores e economistas, estamos vivendo com perplexidade um momento muito particular da nossa História. Até aqui Moçambique acreditou dispensar uma reflexão radical sobre os seus próprios fundamentos. A nação moçambicana conquistou um sentido épico na luta contra monstros exteriores. O inferno era sempre fora, o inimigo estava para além das fronteiras. Era Ian Smith, o *apartheid*, o imperialismo. O nosso país fazia, afinal, o que fazemos em nossa vida cotidiana: inventamos monstros para nos desassossegar. Mas os monstros também servem para nos tranquilizar. Dá-nos sossego saber que eles moram fora de nós. De repente, o mundo mudou e somos forçados a procurar os nossos demônios dentro de casa. O inimigo, o pior dos inimigos, sempre esteve dentro de nós. Descobrimos essa verdade tão simples e ficamos a sós com os nossos próprios fantasmas. E isso nunca nos aconteceu antes. Este é um momento de abismo e desesperanças. Mas pode ser, ao mesmo tempo, um momento de crescimento. Confrontados com as nossas mais fundas fragilidades, cabe-nos criar um novo olhar, inventar outras falas, ensaiar outras escritas. Vamos ficando, cada vez mais, a sós com a nossa própria responsabilidade histórica de criar uma outra História. Nós não podemos mendigar ao mundo uma outra imagem. Não podemos insistir numa atitude apelativa. A nossa única saída é continuar o difícil e longo caminho de conquistar um lugar digno para nós e para nossa pátria. E esse lugar só pode resultar da nossa própria criação.

(ênfases adicionadas)

COUTO, Mia. A fronteira da cultura. In: *Continente Documento*. Ano III, n. 29, 2005. p. 48 - 49. Disponível em: <http://www.macua.org/miacouto/Mia_Couto_Amecom2003.htm>. Acesso em: 24 maio 2012.

a) Do que trata o texto de Mia Couto?

b) No primeiro, no segundo e quarto parágrafos, há algumas expressões destacadas. Cada vez que aparecem, introduzem uma ideia que o autor considera muito importante.

- Em seu caderno, transcreva desses parágrafos a ideia importante que cada expressão destacada introduz.
- Em sua opinião, elas podem ser consideradas pistas que o autor fornece ao leitor do texto? Qual poderia ser a função dessas expressões no texto?

c) O texto está dividido em duas partes. A primeira parte vai do primeiro ao quinto parágrafo; a segunda parte – observe o subtítulo – vai do sexto parágrafo ao oitavo. Grife quatro ideias que mostrem os dilemas de Moçambique (primeira parte) e três ideias que mostrem o que impede Moçambique de construir sua modernidade (segunda parte).

2. Em seu caderno, faça um quadro como o do modelo a seguir e complete-o, resgatando as ideias que você grifou no texto *A fronteira da cultura*, de Mia Couto:

1ª parte Dilema Moçambique	
2ª parte O que seremos e podemos ser	

3. Você vai estabelecer um paralelo entre as ideias do texto de Mia Couto sobre Moçambique e a realidade brasileira. Para cada ideia retirada do texto do autor moçambicano, escreva um comentário que estabeleça uma relação com a realidade brasileira:

a) "[Há] uma cada vez maior distanciação desses jovens [de Moçambique] em relação a seu próprio país."

____

____

b) "[...] estamos criando cidadanias diversas dentro de Moçambique."

____

____

c) "A nossa riqueza provém da nossa disponibilidade para efetuarmos trocas culturais [...]."

____

____

d) "O que mais falta em Moçambique é capacidade de gerar um pensamento original [...]."

e) "O discurso de grande parte dos políticos é feito de lugares-comuns [...]."

f) "A nossa única saída é continuar o difícil e longo caminho de conquistar um lugar digno para nós e para nossa pátria. E esse lugar só pode resultar da nossa própria criação."

Você estudou

Esta Unidade foi dedicada à prática de alguns procedimentos de estudo. Você viu que, apesar das muitas razões que um leitor tem para grifar textos, alguns procedimentos podem ser sempre aplicados: é importante grifar pensando nos objetivos de leitura, tendo em mente que nem todos os parágrafos necessitam ser grifados e que não precisamos grifar ideias repetidas, mesmo quando são escritas de modo diferente.

Você viu também que um fichamento não precisa contemplar todas as ideias de um texto-fonte, bastam aquelas relacionadas aos objetivos de leitura, às informações que você está buscando saber. É importante considerar que os procedimentos estudados aqui podem ser aplicados a textos de todas as disciplinas da escola ou de fora dela, sempre que você precisar estudá-los.

Pense sobre

Muitos afirmam que estudar é assumir uma atitude séria e curiosa diante de um problema. Então, cabe a pergunta: Só se estuda na escola? Como acontece o estudo fora do contexto escolar?